

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

JULIA FRANCESCATTI RIZZOTTO

**NADA ELEMENTAR, MEU CARO WATSON: A IDENTIDADE PÓS-MODERNA
DE SHERLOCK HOLMES EM *O XANGÔ DE BAKER STREET*, DE JÔ SOARES**

CAXIAS DO SUL

2021

JULIA FRANCESCATTI RIZZOTTO

**NADA ELEMENTAR, MEU CARO WATSON: A IDENTIDADE PÓS-MODERNA DE
SHERLOCK HOLMES EM *O XANGÔ DE BAKER STREET*, DE JÔ SOARES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de licenciada em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Ceccagno

CAXIAS DO SUL

2021

AGRADECIMENTOS

Ao professor Doutor Douglas Ceccagno, meu orientador, pelas frequentes palavras de incentivo, por acreditar no meu potencial e na minha pesquisa, pela compreensão e paciência que teve nos momentos difíceis e, principalmente, por ter tornado da orientação encontros leves e bem humorados, os quais conduziu com muito ânimo e profissionalismo. Obrigada por ter mergulhado nesse mundo de Sherlock Holmes comigo.

Aos professores do curso de Letras, por terem compartilhado seus conhecimentos e contribuído para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Agradeço em especial à Doutora Cecil Jeanine Albert Zinani e à Doutora Cristina Loff Knapp, minhas professoras de literatura da graduação e integrantes da banca do TCC I, quando esse trabalho ainda era um projeto de pesquisa, pelo carinho e por terem reconhecido em mim qualidades, encorajando-me nessa jornada.

Aos meus pais, por serem os protagonistas da minha educação e terem buscado sempre me proporcionar o melhor dela, muitas vezes renunciando seus próprios sonhos em favor dos meus. Por serem os responsáveis pela minha paixão à literatura, tendo lido muito para mim e incentivado-me a continuar essa prática desde pequena. Aos meus familiares por todo o apoio, torcida e afeto durante esta jornada. À Dóris Maria, por ter sido uma companheira infalível ao longo dos meus processos de escrita.

Ao Roberto, por ter sido essencial nessa conquista. Por ter compreendido minhas ausências e anseios. Por ter concedido-me tempo e espaço, mas ao mesmo tempo ter estado sempre presente, incentivando-me e auxiliando-me. Obrigada por ser o parceiro que eu precisava, por lembrar-me da minha capacidade, por destinar incansavelmente seu tempo a mim, pelas palavras de amor.

A todos que de alguma maneira contribuíram para a realização desta pesquisa. Muito obrigada!

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”.

Stuart Hall

RESUMO

Este estudo investiga a caracterização de Sherlock Holmes, em *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares, como identidade pós-moderna, com vistas a contribuir para a valorização da literatura policial e para o conhecimento sobre identidade cultural. Para tais fins, examina-se, em primeiro lugar, a identidade da personagem em sua obra de estreia, *Um estudo em vermelho*, de Sir Arthur Conan Doyle, buscando estabelecer relações com o contexto histórico, social e cultural. Na sequência, investigam-se os mesmos aspectos em relação ao romance de Jô Soares e abordam-se conceitos necessários para a compreensão da transformação de identidade sofrida por Holmes. Por fim, realiza-se a análise que integra a postura da personagem em *O Xangô de Baker Street* à noção de identidade cultural na pós-modernidade. Dentre os autores utilizados, fazem parte do aporte teórico Giddens (1991), Mauro (1991), Bresciani (1992), Cuche (1999), Woodward (2000), Burke (2003), Del Priore, (2011, 2016), Hall (2015). Os resultados obtidos permitem considerar que as trocas culturais vivenciadas por Sherlock Holmes foram capazes de ressignificar sua identidade, tornando-o um sujeito pós-moderno.

Palavras-chave: Literatura policial. Sherlock Holmes. Identidade cultural. Pós-modernidade.

ABSTRACT

The present study investigates the characterization of Sherlock Holmes, in *O Xangô de Baker Street*, written by Jô Soares, as a post-modern identity, aiming to contribute to the appreciation of police literature and knowledge about cultural identity. For these purposes, firstly, the character's identity in his debut book, *A study in scarlet*, by Sir Arthur Conan Doyle, is examined, seeking to establish relations with the historical, social and cultural context. Moreover, the same aspects are investigated in relation to the novel by Jô Soares and concepts required to understand the transformation of identity suffered by Holmes are approached. Finally, an analysis which integrates the character's position in *O Xangô de Baker Street* to the notion of cultural identity in post-modernity is carried out. Among the authors whose works were used to compose the theoretical basis, there are Giddens (1991), Mauro (1991), Bresciani (1992), Cuche (1999), Woodward (2000), Burke (2003), Del Priore, (2011, 2016), Hall (2015). From the results obtained, it is possible to consider that the cultural exchanges experienced by Sherlock Holmes were able to reframe his identity, making a postmodern subject out of him.

Keywords: Police literature. Sherlock Holmes. Cultural identity. Post-modernity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	9
1.2 OBJETIVOS	9
1.2.1 Objetivo geral.....	9
1.2.2 Objetivos específicos.....	9
1.3 JUSTIFICATIVA	10
1.4 RELEVÂNCIA.....	10
1.5 METODOLOGIA.....	12
2 “HOLMES É UM POUCO CIENTÍFICO DEMAIS PARA O MEU GOSTO”	14
2.1 INGLATERRA DO SÉCULO XIX E ARTHUR CONAN DOYLE.....	14
2.2 SHERLOCK HOLMES: UM SUJEITO DOTADO DE RAZÃO	19
3 “SENHOR HOLMES, É UM TELEGRAMA DO BRASIL. DO PRÓPRIO IMPERADOR!”	25
3.1 O RIO DE JANEIRO NO PERÍODO DO SEGUNDO REINADO	25
3.2 O REAPARECIMENTO DA PERSONAGEM NO ROMANCE DE JÔ SOARES	30
3.3 IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE	35
4 “ESTOU A ME REGALAR EM VOSSAS TERRAS”	40
4.1 O ENVOLVIMENTO COM PRÁTICAS POPULARES BRASILEIRAS	40
4.2 O EROTISMO	46
4.3 A PERDA DO FOCO	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

Entre os principais aspectos da literatura, nenhum cativa os leitores tanto quanto as personagens. É o que diz Antonio Candido (2014) quando compara os demais elementos de uma narrativa às personagens, entendendo que elas tem mais “peso” por darem vida à história. Desse modo, de acordo com Candido (2014, p. 54), “[a personagem] representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos”.

Posto isso, alguns personagens marcam a literatura de maneira irreversível, como é o caso de Capitu, personagem de *Dom Casmurro*, marco do realismo brasileiro, e de Romeu e Julieta, no drama. Além desses nomes, Dom Quixote, no romance de cavalaria, Drácula e Frankenstein, no romance gótico, e Harry Potter, na literatura infanto-juvenil, são outros exemplos de personagens literários que entraram para a história. Já na ficção policial, o precursor dos detetives da literatura, Auguste Dupin, criado por Edgar Allan Poe, e o protagonista de muitas obras de Agatha Christie, Hercule Poirot, são figuras muito notáveis nesse gênero. No entanto, Arthur Conan Doyle foi quem criou a personagem que, inegavelmente, mais se destaca nesse gênero. Trata-se de Sherlock Holmes, tão célebre personagem das histórias de mistério e investigação que faz com que muitas pessoas acreditem ter existido na vida real¹.

O detetive londrino, morador da 221B Baker Street, é famoso por desvendar casos considerados insolúveis, até mesmo para a Scotland Yard², usando o poder da observação, da dedução e da ciência. As aventuras de Holmes, sempre acompanhado do Dr. John Watson, mexem com o imaginário dos leitores há mais de 100 anos, seja em forma literária, ou em diferentes adaptações para outras mídias, como cinema, histórias em quadrinhos e jogos de videogame.

Além disso, a fama da personagem motivou outros autores, ao longo dos anos, a produzirem narrativas protagonizadas pelo famoso detetive. *Sherlock Holmes vs. Dracula*, de Loren D. Estleman, *Sherlock Holmes no Japão*, de Vasudev Murphy, *Sherlock Holmes: biografia não autorizada*, de Nick Rennison e *Novas aventuras científicas de Sherlock Holmes*, de Colin Bruce, são algumas delas. No Brasil, Jô Soares foi quem adotou essa ideia.

¹ ISTO É. *O imortal Sherlock Holmes*. Disponível em:

<https://istoe.com.br/1155_O+IMORTAL+SHERLOCK+HOLMES/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

² Scotland Yard é a sede da Polícia Metropolitana de Londres. Popularmente, o termo é usado como metonímia para designar a polícia de Londres. O nome deriva da sua antiga localização, na rua Great Scotland Yard. BRITANNICA. *Scotland Yard*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Scotland-Yard>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

Em seu romance cômico, *O Xangô de Baker Street*, Holmes e Watson vão ao Rio de Janeiro para investigar o roubo de um violino Stradivarius no fim do século XIX, mas o que não imaginavam era que o detetive inglês teria suas faculdades analíticas e seu senso de observação afetados pelo calor dos trópicos e por circunstâncias inesperadas.

As mudanças nas características da personagem não são, somente, superficiais. A relação de afeto com o Brasil provoca transformações profundas em Sherlock Holmes, que tem sua identidade cultural modificada diante das circunstâncias encontradas no país, o que se torna ainda mais evidente quando comparado à personalidade do detetive em sua obra de estreia, *Um estudo em vermelho*, de Sir Arthur Conan Doyle. Dessa maneira, chega-se ao problema de pesquisa e aos objetivos deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

De que forma a identidade cultural da personagem Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle, é ressignificada no romance *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Investigar a caracterização de Sherlock Holmes, em *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares, como identidade pós-moderna.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Investigar a identidade cultural de Sherlock Holmes na obra de estreia da personagem: *Um estudo em vermelho*, de Sir Arthur Conan Doyle;
- b) Construir um panorama histórico e social do Rio de Janeiro da época do Segundo Reinado;
- c) Discutir a noção de identidade cultural na pós-modernidade;
- d) Analisar a caracterização de Sherlock Holmes, em *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares, a partir da noção de identidade cultural pós-moderna.

1.3 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema ocorreu pela paixão da pesquisadora por histórias de mistério e investigação, sendo elas ficção ou não ficção. Além disso, sempre houve um particular interesse pela personagem Sherlock Holmes, do escocês Sir Arthur Conan Doyle, uma vez que foram suas histórias que despertaram nela o interesse pela literatura e, principalmente, por esse gênero literário.

Sherlock Holmes, personagem da literatura britânica, é indiscutivelmente o detetive de ficção mais conhecido do mundo. A sua primeira aparição foi no romance *Um estudo em vermelho*, publicado na revista *Beeton's Christmas Annual*, em 1887. Desde então, outras narrativas surgiram até 1927, totalizando 4 romances e 56 contos³. Sua popularidade fez com que essas histórias fossem adaptadas para outras mídias, como peças teatrais, televisão, filmes etc.

De personalidade enigmática e altiva, estilo de vida boêmio, uma determinada tendência ao perfeccionismo, ideias um pouco excêntricas e, ainda, beirando a insensibilidade, Holmes utiliza do método dedutivo para solucionar os crimes mais inexplicáveis para a polícia londrina.

1.4 RELEVÂNCIA

Verifica-se a pluralidade de estudos acadêmicos realizados ao longo de vários anos sobre Sherlock Holmes, sua incrível capacidade cognitiva e lógica da dedução, especialmente pelo viés da semiótica de Charles Sanders Peirce, como é possível averiguar na monografia de Victor Martins Alves (2008), “Semiótica: a lógica de Sherlock Holmes”, que sugere uma engrenagem de funcionamento do pensamento investigativo baseado na semiótica, permitindo montar uma lógica investigativa, que é representada por Holmes. Por sua vez, em “Sherlock Holmes: semioticista por excelência?”, Fanny Souza, Yasmin Winter, Yasmine Feital e Carlos Henrique Pinheiro (2017) examinaram como o detetive infere acontecimentos passados, presentes e futuros com base apenas em signos, articulando as deduções do detetive com uma das tricotomias da semiótica proposta por Peirce: ícone, índice e símbolo. Já Rayza Santos do Nascimento e Victor Leandro da Silva (2019), no artigo “Um estudo em vermelho, do livro ao seriado: uma análise da metodologia investigativa de Sherlock Holmes a partir da

³ ARTHUR CONAN DOYLE. *Sherlock Holmes*, c2000-2020. Disponível em: <<https://www.arthurconandoyle.com/sherlockholmes.html>>. Acesso em: 24 set. 2020.

teoria peirciana”, investigaram como a teoria peirciana, principalmente a tricotomia dos argumentos – abdução, dedução e indução –, parece ser aplicada por Sherlock Holmes na resolução dos seus casos.

Por outro lado, foram encontradas menos ocorrências de pesquisas sobre *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares. Entre elas, Renato Oliveira Rocha e Gabriela Kvacek Betella (2011), em “A ironia em *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares”, estudaram a ironia utilizada pelo humorista-escritor em seu romance. Outrossim, Renato Oliveira Rocha e Gabriela Kvacek Betella (2011) também abordam o romance no artigo “A dialética da malandragem revisitada em *O Xangô de Baker Street*”. Os autores verificaram a caracterização das personagens principais na obra de Jô Soares e em *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, investigando a composição dos malandros, cujo ponto de partida está voltado para a questão do nacional, do brasileiro. Sob outra perspectiva, na tese “O processo tornado visível: metaficção paródica e narrativa policial em *O Xangô de Baker Street*”, Evaldo Gondim dos Santos (2016) analisou como a metaficção paródica potencializa a criação de uma narrativa policial diferente daquela construída por Conan Doyle, no romance de Jô Soares.

Logo, percebe-se a ausência de uma pesquisa que tome a ressignificação da personagem no romance *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares, como eixo central de abordagem, a partir da noção de identidade cultural pós-moderna.

Os estudos sobre identidade cultural têm relevância por contribuírem para a compreensão do posicionamento do sujeito pós-moderno no mundo, da maneira como ele percebe a si mesmo e é percebido por outros, permitindo caracterizar o que o assemelha a e o que o diferencia de outras pessoas, bem como a sua inserção e comportamento dentro de um ou mais sistemas culturais. Stuart Hall (2015) afirma que:

as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2015, p. 12-13).

Ademais, o estudo proposto por este trabalho oportuniza uma valorização da ficção policial, uma vez que esse é um gênero de caráter inquietante, que intriga e desperta o

interesse dos leitores desde o seu surgimento, em 1841, com *Os assassinatos da Rua Morgue*, de Edgar Allan Poe. Segundo Tzvetan Todorov (2006), a narrativa policial consiste em manter o leitor em suspense para, em seguida, surpreendê-lo. Além disso, o autor explica que na base desse gênero “encontramos uma dualidade, e é ela que nos vai guiar para descrevê-lo. Esse romance não contém uma, mas duas histórias: a história do crime e a história do inquérito. Em sua forma mais pura, essas duas histórias não têm nenhum ponto comum” (TODOROV, 2006, p. 95). Esses breves aspectos já podem auxiliar no entendimento do porquê as histórias desse gênero são capazes de prender tanto o leitor.

Em vista disso, justifica-se a relevância acadêmica e social desta pesquisa, contribuindo para o conhecimento acerca da literatura policial e da identidade cultural.

1.5 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, optamos por utilizar o método da pesquisa bibliográfica, visto que entendemos que tal procedimento irá oportunizar um melhor aprofundamento da temática escolhida. Segundo Cleber Cristiano Prodanov e Ernani Cesar de Freitas (2013), a pesquisa bibliográfica é constituída a partir da averiguação de material já publicado acerca do tema a ser investigado e analisado, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com o referencial teórico. Entre as publicações a serem utilizadas, estão: “livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Quanto à condução de um estudo bibliográfico, Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2003), consideram que a pesquisa deve seguir oito etapas fundamentais: escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação; e redação. Portanto, entendemos que, no momento da concepção deste TCC, estamos iniciando um processo de identificar e localizar materiais, bem como de compilar e fichar as fontes relevantes para a elaboração do trabalho.

Dessa forma, o capítulo 2, intitulado “Holmes é um pouco científico demais para o meu gosto”⁴ irá focar nas origens da personagem e na sua identidade cultural no romance *Um estudo em vermelho*. Os principais autores que fundamentarão este capítulo são Bresciani (1992), Doyle (1993), Carter e McRae (1996), Hobsbawm (1988), Hobsbawm (2000), Lycett (2008) e Hall (2015). No capítulo seguinte, “Senhor Holmes, é um telegrama do Brasil. Do

⁴ DOYLE, Arthur Conan. *Um estudo em vermelho*. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 12.

próprio imperador!”⁵, será abordado o romance de Jô Soares, *O Xangô de Baker Street*, seu contexto de produção, vida e obra do autor e contextualização espacial e temporal da narrativa. Além disso, discutiremos a noção de identidade cultural na pós-modernidade, a fim de prosseguir para a análise. Para tanto, o aporte teórico do capítulo 3 será feito, principalmente, com Giddens (1991), Mauro (1991), Alencastro (1997), Woodward (2000), Macedo (2005), Hall (2015), Del Priore (2016). Finalmente, no capítulo 4, “Estou a me regalar em vossas terras”⁶, trataremos da caracterização de Sherlock Holmes na narrativa de Jô Soares a partir da noção de identidade cultural na pós-modernidade. Para a realização dessa análise alguns dos autores de referência serão Cuche (1999), Burke (2003), Canclini (2008), Prandi e Vallado (2010), Del Priore (2011), Geertz (2015).

Posto isso, acreditamos que, com a aplicação adequada do método de pesquisa bibliográfica e do viés comparatista, além dos estudos sobre pós-modernidade, teremos sucesso em atingir os objetivos propostos e realizar uma pesquisa compatível com as exigências do Ensino Superior.⁷

⁵ SOARES, Jô. *O Xangô de Baker Street*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 31.

⁶ SOARES, Jô. *O Xangô de Baker Street*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 113.

⁷ Embora esse trabalho trace paralelos entre a obra *Um estudo em vermelho*, de Sir Arthur Conan Doyle, e o romance *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares, não se trata de um estudo de literatura comparada, visto que a obra de Conan Doyle é tomada, somente, como ponto de partida para compreendermos as características originais da personagem Sherlock Holmes.

2 “HOLMES É UM POUCO CIENTÍFICO DEMAIS PARA O MEU GOSTO”

A apresentação do objeto de pesquisa isolado não mostraria suficientemente sua magnitude, visto que podemos compreendê-lo ainda melhor aliado ao contexto histórico e suas relações; portanto, antes de apresentar a personagem Sherlock Holmes em sua primeira aparição, no romance *Um estudo em vermelho*, e analisar a sua identidade cultural, este capítulo se concentrará brevemente no criador do detetive, Sir Arthur Conan Doyle, em sua vida, suas experiências literárias, suas relações sociais e verdadeiras paixões.

Ainda no presente capítulo, teremos uma visão geral da Era Vitoriana, no século XIX, período em que se originou a literatura policial, visto que a maior parte das histórias de Sherlock Holmes está contextualizada nessa época, e assim poderemos entender como suas narrativas representavam aquela sociedade e como se constrói a identidade cultural do protagonista.

2.1 INGLATERRA DO SÉCULO XIX E ARTHUR CONAN DOYLE

A chamada Era Vitoriana (1832-1900)⁸ foi um período histórico bastante complexo que abrangeu quase completamente o século XIX, recebendo essa denominação devido ao longo reinado da Rainha Vitória, monarca do Reino Unido. Nessa época, muitas mudanças ocorreram, principalmente devido à Revolução Industrial, que consolidou a Inglaterra como potência econômica⁹. A burguesia ascendeu e foi protagonista da sociedade, exercendo influência sobre grande parte do mundo ocidental. Os vitorianos criaram surpreendentes inovações e renovações ideológicas, políticas, sociais e artísticas, como consequência da expansão imperialista inglesa e de seus lucros financeiros.

Quanto a essa hegemonia, Eric Hobsbawm (1988) destaca que:

o enorme peso dos investimentos britânicos no exterior e de sua frota mercante reforçou ainda mais a posição central do país, numa economia mundial que girava em torno de Londres e se baseava na libra esterlina. A Grã-Bretanha continuou a ter

⁸ Na historiografia, há divergências quanto à data de início e fim do período vitoriano. Portanto, neste trabalho optamos por utilizar o período delimitado por Ronald Carter e John McRae (1996) em *The Penguin guide to English literature: Britain and Ireland*.

⁹ “A Revolução Industrial foi resultado de desafios e oportunidades criados pela economia global. Entre os séculos XVI e XVII, a Inglaterra teve posição de liderança com sua indústria têxtil de lã. Tal liderança se estendeu para os séculos XVII e XVIII ao originar uma rede de comércio intercontinental nas Américas e Índia. Essa expansão dependia da aquisição de colônias, do estímulo do capitalismo comercial e do poder naval” (LIMA; NETO, 2017, p. 108-109). Consequentemente “dando origem a uma época próspera que transformou a ordem social e a forma de agir e pensar do homem” (LIMA; NETO, 2017, p. 110).

uma posição dominante no mercado internacional de capitais (HOBSBAWM, 1988, p. 80).

No entanto, a realidade nas ruas da Inglaterra não correspondia a essa riqueza. A mera existência para aqueles que não haviam nascido em “berço de ouro” ou que não faziam parte da classe burguesa era, na verdade, de extrema pobreza e exploração do trabalho. Londres configurava-se como um amontoado de pessoas nunca visto igual, que chegava a assustar observadores. Maria Stella Martins Bresciani (1992, p. 11) afirma que a pessoa menos afortunada podia ter, até mesmo, a sua identidade individual suspensa, acabando por ser “substituída pela condição de habitante de um grande aglomerado urbano; ser parte de uma potência indiscernível e temida; perder, enfim, parcela dos atributos humanos e assemelhar-se a espectros”. Consoante a isso, a disparidade social é muito bem descrita por Friedrich Engels (2010) em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*:

Depois de pisarmos, por uns quantos dias, as pedras das ruas principais, depois de passar a custo pela multidão, entre as filas intermináveis de veículos e carroças, depois de visitar os “bairros de má fama” desta metrópole – só então começamos a notar que esses londrinos tiveram de sacrificar a melhor parte de sua condição de homens para realizar todos esses milagres da civilização de que é pródiga a cidade, só então começamos a notar que mil forças neles latentes permaneceram inativas e foram asfixiadas para que só algumas pudessem desenvolver-se mais e multiplicar-se mediante a união com as de outros. Até mesmo a multidão que se movimenta pelas ruas tem qualquer coisa de repugnante, que revolta a natureza humana (ENGELS, 2010, p. 67-68).

Em meio a um cenário como esse, detalhado por Engels (2010, p. 71) como “uma massa desordenada de casas de três ou quatro andares, com ruas estreitas, tortuosas e sujas, onde reina uma agitação tão intensa como aquela que se registra nas principais ruas da cidade”, não é surpreendente conjecturar os crimes que aconteciam ao cair da noite. Bresciani (1992) diz que, nessa Londres de 2,5 milhões de habitantes, os vários perigos presentes na vida urbana despertam também o medo na população. Ainda para a autora:

Quanto mais numerosos os homens, mais profunda se torna a sombra. Nessas regiões escuras, a multidão realiza o cotidianamente renovado espetáculo da promiscuidade, da agressão; em suma, todo o perigo pressuposto como presença em repouso, durante o dia, põe-se de tocaia em cada reentrância da rua, em todos os becos mal iluminados. Para os contemporâneos, na noite, sob a luz dos lâmpões, a multidão assume a imagem acabada de alguma coisa obscura e inextricável. São apenas perceptíveis vozes, sussurros, vultos, olhares, passos (BRESCIANI, 1992, p. 14).

Esse panorama soturno, constituído por uma atmosfera de mistério, chamou a atenção dos autores da época, que foram compondo uma representação estética do universo da

cidade em seus textos. Esses escritores, aproveitando também a ascensão da leitura pela burguesia, que se tornava mais letrada naquela sociedade, manifestaram por meio da literatura “seus temores pela crescente onda de crimes e pelos possíveis ataques à propriedade” (BRESCIANI, 1992, p. 38-39). Edgar Allan Poe, escritor americano do século XIX, um dos precursores do gênero de mistério e terror, colocou-se como espectador da multidão londrina e escreveu uma crítica profunda sobre o mal-estar do indivíduo na sociedade, adicionando um toque sombrio ao seu texto intitulado *O homem da multidão*, publicado em 1840.

Posto isso, chegamos a outro fato evidente da época: o desenvolvimento peculiar de certas artes e gêneros, como por exemplo, da literatura. Se no período romântico a forma literária mais importante foi a poesia, na Era Vitoriana foi a vez do romance popularizar-se, tanto no Reino Unido quanto no resto do mundo (CARTER; McRAE, 1996). Para Alain Corbin (1991) os constantes progressos do romance devem-se ao inusitado sucesso do folhetim e à queda dos preços dos livros. Hobsbawm (2000), por sua vez, complementa que os romances surgiram como uma tendência militante e consciente das artes, encontrando, na população, grande adesão, já que a literatura abordava temáticas enfrentadas pela sociedade. Além disso, tratando-se de nomes que marcaram o gênero, o autor ainda reconhece que “provavelmente, nenhum meio século contém uma maior concentração de romancistas imortais: Stendhal e Balzac na França; Jane Austen, Dickens, Thackeray e as irmãs Brontë na Inglaterra; Gogol, o jovem Dostoievsky e Turgenev na Rússia” (HOBSBAWM, 2000, p. 259).

Foi, então, a partir dessa atmosfera funesta, nebulosa, melancólica, atrelada à popularização do romance, graças ao desenvolvimento da burguesia, que surgiu a literatura policial:

A história de detetive foi outro gênero do romance que se tornou popular. No início, eram chamados de Romance de Sensação. Eles levam o romance gótico antiquado a um novo nível de mistério – e uma solução é quase sempre encontrada. [...] O detetive ficcional mais famoso é, certamente, Sherlock Holmes. Ele foi a personagem principal de uma longa série de histórias de Arthur Conan Doyle, começando com *Um estudo em vermelho* em 1887 (CARTER; McRAE, 1996, p. 134-135, tradução nossa).¹⁰

¹⁰ No original: “The detective story was another genre of the novel which became popular. At first they were called Novels of Sensation. They take the old-fashioned Gothic novel on to a new level of mystery – and a solution is almost always found. [...] The most famous fictional detective is, of course, Sherlock Holmes. He was the main character in a long series of stories by Arthur Conan Doyle, starting with *A Study in Scarlet* [scarlet = red] in 1887”.

Portanto, como já referido, Arthur Conan Doyle ganhou fama mundial após criar o detetive londrino Sherlock Holmes, personagem da literatura britânica que permanece como uma das mais conhecidas até os dias atuais. Contudo, Doyle não se resume a isso. Foi também médico, desportista, aventureiro, espiritualista ardente, defensor do patriotismo e do imperialismo britânico. Como escritor, não se dedicou somente à ficção policial, foi autor de romances históricos e sociais, ensaios políticos e de uma autobiografia (ARTHUR CONAN DOYLE, c2021b).

Arthur Conan Doyle nasceu durante a Era Vitoriana, no dia 22 de maio de 1859, em Edimburgo, Escócia. Segundo seus sucessores, ele

veio de uma família notável por suas realizações nas artes visuais, incluindo seu avô, John Doyle, o caricaturista político, seu pai, Charles Altamont Doyle, um ilustrador e designer, e seus tios, James e Richard Doyle. [...] Mas Conan Doyle também adquiriu traços literários e históricos de sua mãe Mary Foley, uma mulher irlandesa incomumente educada para sua época, e também se interessou quando menino por trabalhos literários ilustrados por seu pai e seu tio Richard, um co-criador da *Punch* (ARTHUR CONAN DOYLE, c2021a, tradução nossa).¹¹

Com a internação de seu pai devido à depressão e alcoolismo (LYCETT, 2008), a matriarca da família, Mary Foley, torna-se a principal responsável por manter a união familiar, cuidar da casa, dos filhos, e educá-los, configurando-se, assim, como a principal influenciadora literária de Conan Doyle, que havia escrito seu primeiro conto aos cinco anos idade, uma vez que lia regularmente já nos dez primeiros anos de vida (DOYLE, 1993). Como contam seus familiares contemporâneos (ARTHUR CONAN DOYLE, c2021a), ainda garoto, Arthur tinha uma reputação de contador de histórias entre seus colegas da escola, tendo vendido seu primeiro livro, *O mistério do Vale de Sasassa*, para a revista *Chambers' Edinburgh Journal* em 1879, aos 20 anos, quando percebeu em si próprio “a existência de uma veia literária que não compartilhava com os demais” (DOYLE, 1993, p. 15).

Posteriormente, Arthur Conan Doyle ingressou na Universidade de Edimburgo para iniciar seus estudos em medicina, onde conheceu o Dr. Joseph Bell que, como descreve Andrew Lycett (2008), era descendente de uma família de cirurgiões, trabalhava como professor e médico, era excelente em observar, deduzir e diagnosticar os pacientes por meio

¹¹ No original: “[Arthur Conan Doyle] came from a family justly noted for their accomplishments in the visual arts, including his grandfather John Doyle the political caricaturist, his father Charles Altamont Doyle, an illustrator and designer, and his uncles James and Richard Doyle. [...] But Conan Doyle also acquired literary and historical streaks from his mother Mary Foley, an Irishwoman unusually educated for her era, and he also took an interest as a boy in literary works illustrated by his father and his uncle Richard, a co-creator of *Punch*.”

da lógica, sendo essas últimas características facilmente associadas à personagem tão memorável que Doyle viria a criar.

Depois de se tornar bacharel em medicina, Arthur Conan Doyle exerceu a profissão tanto em alto mar quanto em seu consultório, mas não deixou de se dedicar a criar e escrever histórias. Enviou alguns contos para revistas e depositou mais esperanças em seu primeiro romance, *A narrativa de John Smith*, escrito em 1883; entretanto, não obteve sucesso em publicá-lo na época (LYCETT, 2008). Não obstante, Doyle procurou temas diferentes e mais originais para se inspirar e notou na literatura policial, em ascensão naquele tempo, uma possibilidade de consolidar-se como escritor. Como visto anteriormente, o público leitor parecia interessado no gênero, uma vez que representava a ocorrência de crimes semelhantes aos que estavam acontecendo nas ruas das capitais europeias. Sendo já um leitor e admirador de Edgar Allan Poe e de sua personagem principal, o detetive Auguste Dupin, pensou que as características de seu antigo professor, Joseph Bell, o qual ele teve a oportunidade de acompanhar e observar bastante enquanto era seu secretário de ala, poderiam ser organizadas para a criação de um outro investigador criminal (DOYLE, 1993). Foi, então, que:

seu primeiro conto [sic] de Sherlock Holmes, o romance *Um estudo em vermelho*, apareceu em 1887, e o segundo, *O signo dos quatro*, em 1890. Eles não criaram muito rebuliço, mas em 1891 e 92 os primeiros contos de Sherlock Holmes apareceram na então nova *Strand Magazine* e se tornaram uma enorme sensação transatlântica. Isso logo o tornou um dos escritores mais conhecidos e bem pagos do mundo. No final, ao longo de um período de quarenta anos, ele escreveu quatro romances e cinquenta e seis contos sobre Sherlock Holmes e o Dr. Watson (ARTHUR CONAN DOYLE, c2021a, tradução nossa).¹²

Depois de tanto tempo dedicando-se à literatura policial e à sua maior criação literária, Conan Doyle conta em sua autobiografia que ainda tinha o desejo de explorar outros temas (DOYLE, 1993) e tentou encerrar esse legado policial com o conto *O problema final*, no qual Holmes enfrenta seu maior rival e acaba morrendo. No entanto, isso desagradou profundamente seus leitores e fãs do detetive, gerando milhares de cancelamentos de assinaturas da revista na qual as histórias eram publicadas. Logo, o autor, pressionado a reverter essa situação, reviveu a personagem em *A volta de Sherlock Holmes* (LYCETT, 2008). De todo modo, Arthur Conan Doyle conseguiu dispensar seus últimos anos de vida a estudar um assunto que muito o interessava, sua verdadeira paixão, o Espiritualismo:

¹² No original: “His first Sherlock Holmes tale, the novel *A Study in Scarlet*, appeared in 1887, and the second, *The Sign of Four*, in 1890. They did not create much stir, but in 1891 and ’92 the first Sherlock Holmes short stories appeared in the then-new *Strand Magazine* and became an enormous transatlantic sensation. This soon made him one of the best-known and highest-paid writers in the world. In the end, over a forty-year period, he wrote four novels and fifty-six short stories about Sherlock Holmes and Dr. Watson.”

no momento de sua morte em 7 de julho de 1930, Sir Arthur Conan Doyle há muito havia sido estabelecido como o mais conhecido e declarado defensor do Espiritualismo, a crença de que os mortos são capazes de se comunicar com os vivos por meio de um canal terreno ou medium. Por catorze anos ele dedicou a maior parte de seu tempo, energia e recursos a esta causa, que ele frequentemente descreveu como “a coisa mais importante do mundo”. Ele uma vez declarou que sacrificaria de bom grado qualquer reputação literária de que gozasse se isso trouxesse uma maior aceitação de sua mensagem psíquica, e para aqueles que encontravam conforto e significado em suas crenças, ele era ‘o São Paulo do Espiritualismo’ (ARTHUR CONAN DOYLE, c2021c, tradução nossa).¹³

Em uma Era Vitoriana polarizada pela dicotomia econômica, Arthur Conan Doyle conseguiu encontrar o seu lugar ao sol. Incentivado por toda uma família de artistas, o autor alçou-se ao Panteão da literatura, revitalizando o gênero do romance policial e servindo de modelo para gerações contemporâneas e futuras a ele. Além disso, ler uma obra de Conan Doyle permite que sejam percebidas marcas características da época em que foi escrita. Como veremos no subcapítulo a seguir, afeito aos detalhes e avesso a mudanças, a personagem Sherlock Holmes reúne traços identitários distintivos do sujeito do Iluminismo. Portanto, a obra de estreia do detetive configura-se como um excelente ponto de partida para afirmar as características de Holmes, e que serão de grande valia para a análise que será empreendida na continuidade deste trabalho.

2.2 SHERLOCK HOLMES: UM SUJEITO DOTADO DE RAZÃO

Como referido anteriormente, Sherlock Holmes, personagem da literatura britânica criada por Sir Arthur Conan Doyle, vem exercendo um fascínio entre jovens e adultos desde o fim do século XIX. A fim de compreendermos a sua identidade cultural, é preciso ter, inicialmente, uma noção geral da personagem. Dessa forma, como bem faz o site oficial sobre o seu criador, é possível assim descrevê-la:

Holmes tem uma personalidade essencialmente obsessiva. Ele trabalha compulsivamente em todos os seus casos e seus poderes de dedução são fenomenais. É propenso a quadros periódicos de depressão entre casos e é conhecido por consumir cocaína quando não consegue suportar a falta de atividade. Ele tem um conhecimento profundo sobre música e toca um Stradivarius que comprou por uma pechincha em Tottenham. Sherlock também é conhecido por realizar experimentos

¹³ No original: “At the time of his death on July 7, 1930, Sir Arthur Conan Doyle had long been established as the world’s best-known and most outspoken proponent of Spiritualism, the belief that the dead are able to communicate with the living through an earthly conduit, or medium. For fourteen years he had devoted the better part of his time, energy and resources to this cause, which he often described as “the most important thing in the world.” He once declared that he would gladly sacrifice whatever literary reputation he enjoyed if it would bring about a greater acceptance of his psychic message, and to those who found comfort and meaning in his beliefs, he was “the Saint Paul of Spiritualism.”

químicos no seu tempo livre para a consternação do Dr. Watson e da senhoria de seu prédio, Sra. Hudson. Não se sabe se alguma vez ele teve uma relação íntima ou amorosa com alguma mulher. (ARTHUR CONAN DOYLE, c2021a, tradução nossa).¹⁴

Dessa forma, quando falamos sobre Sherlock Holmes, é preciso ter algo em mente: a personagem pertence ao mundo do romance policial vitoriano, gênero criado no século XIX e que abarca características do contexto da Era Vitoriana, como também já relatado aqui. Em *Um estudo em vermelho*, os primeiros detalhes da personalidade do detetive são fornecidos ao Dr. John Watson por um antigo conhecido, que reconhece em Sherlock Holmes um cavalheiro decente e muito apreciador da ciência. Ele ainda complementa ressaltando a sua inteligência nesse campo:

Acredito que seja muito versado em anatomia, e é um químico de primeira categoria. Mas, que eu saiba, nunca frequentou nenhum curso médico sistemático. Os seus estudos são muito irregulares e excêntricos, mas ele acumulou uma quantidade de conhecimentos incomuns que espantaria seus professores (DOYLE, 2001, p. 10).

Com isso, podemos identificar algumas das principais características da personagem e ainda compreendê-la como um homem do fim do século XIX: Holmes é um detetive que age embasado na ciência e é o bastião da razão e da educação, valores tipicamente vitorianos. No entanto, apesar desse entendimento, não há ninguém melhor para apresentá-lo do que ele mesmo:

Bem, tenho um ofício próprio. Acho que sou o único no mundo. Sou um detetive consultor, se é que você consegue entender o que isso seja. Aqui em Londres temos muitos detetives do governo e muitos detetives particulares. Quando não sabem o que fazer, esses sujeito vêm falar comigo, e dou um jeito de colocá-los na pista certa. Eles me apresentam todas as evidências, e geralmente consigo, com a ajuda de meus conhecimentos da história do crime, esclarecê-los. Há um forte parentesco entre os crimes e, se alguém conhece todos os detalhes de mil casos na ponta dos dedos, é estranho que não consiga desvendar o milésimo primeiro (DOYLE, 2001, p. 30-31).

Como é possível observar, Holmes é bastante prático e objetivo. Ele deixa isso muito claro, também, ao falar de seus pontos negativos com uma facilidade e simplicidade raramente encontrada, apesar de ser um presunçoso de primeira: “Deixe-me ver... quais são

¹⁴ No original: “Holmes has essentially an obsessive personality. He works compulsively on all his cases and his deductive powers are phenomenal. He can get engulfed in periods of depression between cases and is known to take cocaine when he cannot stand the lack of activity. He has an in depth knowledge of music and plays on a Stradivarius that he bought for a song in Tottenham. He is also known to run chemistry experiments in his spare time to the dismay of both Dr. Watson and his landlady Mrs. Hudson. He’s not known to have had an intimate or amorous relation with a woman”.

meus outros defeitos. Às vezes fico deprimido e não abro a boca por dias a fio. Não deve pensar que estou emburrado, quando me comportar desse jeito. Apenas deixe-me em paz, e logo voltarei ao normal” (DOYLE, 2001, p. 17).

Tanto em *Um estudo em vermelho* como em todas as outras histórias do detetive, escritas por Conan Doyle, o narrador, e também personagem, é o seu fiel companheiro, Dr. Watson, sendo ele o encarregado por descrever Sherlock Holmes. Dessa forma, o que se obtém, na grande maioria das vezes¹⁵, é a sua visão, o seu ponto de vista perante o amigo; assim, Holmes mostra-se tão peculiar que Watson não perde um detalhe sequer e consegue retratá-lo minuciosamente:

Holmes não era absolutamente um homem de difícil convivência. Era quieto a seu modo, e seus hábitos eram regulares. Era raro que ainda estivesse de pé depois das dez horas da noite, e já tinha invariavelmente tomado o café da manhã e saído antes que eu levantasse. Às vezes passava o dia no laboratório químico, às vezes na sala de dissecação, e de vez em quando em longos passeios que pareciam levá-lo às zonas mais baixas da cidade. Nada superava sua energia quando se achava dominado pelo afã da atividade, mas de quando em quando apoderava-se dele uma reação, e passava dias a fio deitado no sofá da sala de estar, mal dizendo uma palavra ou movendo um músculo, da manhã até a noite. Nessas ocasiões, notei uma expressão tão sonhadora e vazia em seus olhos que poderia ter suspeitado que fosse viciado em algum tipo de narcótico, se a sobriedade e a correção de toda a sua vida não desautorizasse tal noção (DOYLE, 2001, p. 20-21).

De acordo com Beth Brait (2017), esse recurso de narrador-personagem, que utiliza uma personagem secundária para caracterizar a protagonista, é bastante explorado pelo gênero do romance policial. Segundo ela, o narrador discretamente faz com que o leitor simpatize com a personagem principal, levando-o a enxergá-la bem nitidamente e a acreditar nela. A autora ainda comenta sobre as personagens aqui em questão:

O discurso de Watson, narrador e personagem auxiliar de Sherlock, vai construindo, pela referência aos hábitos, pela seleção de traços e atributos, pela narração de ações e pela instauração de diálogos, o perfil de uma personagem, que ganha o primeiro plano e deixa à atividade do narrador a função de testemunha exclusiva, capaz de presentificar, pela ilusão do registro, a sua materialidade. Privando da intimidade desse “herói”, ao nível do discurso e da intriga, a personagem-narrador funciona como a lente privilegiada através da qual o leitor recebe e visualiza as personagens (BRAIT, 2017, p. 64).

É, pois, por meio dessa lente que conhecemos Holmes. Todavia, antes de proceder para a análise do detetive em sua obra de estreia, faz-se necessário contextualizar brevemente

¹⁵ Diz-se “na grande maioria das vezes”, apesar do Dr. John Watson ser narrador-personagem em todas as histórias, pois há momentos em que Sherlock Holmes é descrito na fala de outras personagens, como, por exemplo, no início do romance, quando ele é apresentado para Watson por um antigo conhecido.

o que se entende por identidade cultural e quais são as concepções que ela compreende. Para Stuart Hall (2000, p. 112), “as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem sucedida articulação ou ‘fixação’ do sujeito ao fluxo do discurso”.

Ao longo dos anos, essa percepção acerca de identidades culturais sofreu grandes transformações devido a particularidades específicas de diferentes períodos históricos, até chegar àquela que se considera uma identidade cultural pós-moderna, marca do mundo globalizado. Stuart Hall (2015) explorou essas transformações distinguindo três concepções muito diferentes de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Neste momento, iremos nos ater ao primeiro e, no capítulo seguinte, ao pós-moderno.

O Iluminismo foi um movimento cultural, intelectual e filosófico do século XVIII, que defendia o uso da razão sobre o da fé para compreender e solucionar os problemas da sociedade. Hall (2015, p. 10) entende o sujeito desse período como um ser individualizado, “totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação”, adotando um “eu” que permanece igual ao longo de sua existência. Segundo o autor, esse “sujeito-da-razão” possuía um núcleo que era sua essência e identidade, e essas eram, por sua vez, imutáveis.

Posto isso, a partir da apresentação da personagem feita inicialmente, podemos perceber que um traço marcante de Sherlock Holmes é sua personalidade estática, dado que a personagem apresenta as mesmas características e costumes em todas as suas histórias, não havendo alteração do comportamento¹⁶, algo já esperado pelos leitores. Dessa forma, inferimos que o detetive londrino, nas histórias de Arthur Conan Doyle, possui uma identidade permanente, fixa.

Exemplos dessa rigidez metódica de Sherlock Holmes podem ser percebidos nos momentos em que Watson caracteriza o comportamento de seu companheiro ao analisar um caso. Em certo ponto, o doutor relata: “Deixei Holmes sentado à frente do fogo em brasa, e ao longo das vigílias da noite escutei os gemidos baixos e melancólicos de seu violino. Sabia que

¹⁶ E. M. Forster (2005) divide as personagens em planas e redondas ou curvas. Neste trabalho, daremos atenção especial às planas, pois é nessa definição que se encaixa a personagem em questão, Sherlock Holmes, visto que sua personalidade estática associa-se a essa classificação. Segundo Forster: “Personagens planas eram chamados no século XVII de ‘humours’, e são ora chamados de tipos, ora de caricaturas. Na sua forma mais pura, são construídos ao redor de uma ideia ou qualidade simples; quando nele há mais do que um fator, apreendemos o início de uma curva na direção dos redondos (FORSTER, 2005, p. 91)”. Em contrapartida às personagens planas, as redondas, de acordo com Antonio Candido (2005), têm complexidade psicológica e são capazes de surpreender o leitor. Candido (2005) também usa a denominação “personagens de costumes”, para personagens planas, e “personagens de natureza”, para personagens redondas.

ele ainda estava meditando sobre o estranho problema que decidira desvendar” (DOYLE, 2001, p. 74). O investigador tinha o costume de tocar violino para estimular seu raciocínio lógico e de se voltar completamente para o seu interior, ficando calado por um longo tempo, assim, o Dr. Watson logo entendia do que se tratava. Do mesmo modo, isso é observado em outra ocasião: “Continuou a caminhar de um lado para o outro com a cabeça afundada no peito e as sobrancelhas franzidas, como era o seu hábito quando estava perdido em seus pensamentos” (DOYLE, 2001, p. 100). A partir desses excertos, somos capazes de interpretar que Holmes utilizava sempre a mesma técnica para solucionar os crimes: praticava em seu Stradivarius, isolava-se, caminhava de cabeça baixa, não tolerava interrupções enquanto pensava; atitudes que vão compondo sua personalidade plana.

Além disso, esse sujeito comporta-se como um ser egocêntrico, ao passo que Hall (2015, p. 11) explica que “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. [...] Pode-se ver que essa era uma concepção muito ‘individualista’ do sujeito e de sua identidade (na verdade, a identidade dele: já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino)”. Com base nisso, assimila-se, com mais facilidade, algumas práticas comuns para Sherlock Holmes que, aos nossos olhos, seriam reprováveis:

Holmes é um pouco científico demais para o meu gosto, chega perto da insensibilidade. Posso imaginá-lo dando a um amigo uma pitada do último alcaloide vegetal, não por maldade, sabe, mas pelo desejo de investigação, para ter uma ideia precisa dos efeitos. Para lhe fazer justiça, acho que ele próprio tomaria uma pitada com a mesma presteza. Parece ter uma paixão pelo conhecimento definido e exato (DOYLE, 2001, p. 12).

A narração extraída de *Um estudo em vermelho*, que também intitula o presente subcapítulo, evidencia o modo metódico, centrado e individualista de ser do detetive, ao ponto de que a única coisa que lhe interessa é a resolução do crime, com respostas baseadas na ciência, sem se importar com qualquer outro pormenor. Isso porque entende-se o sujeito do Iluminismo como um indivíduo “centrado na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada” (HALL, 2015, p. 26)¹⁷. Por fim, para revalidar

¹⁷ Segundo John Watson, Sherlock Holmes era entendido em química, anatomia, botânica (venenos, mas não jardinagem prática), geologia, literatura sensacionalista, legislação inglesa e na prática de violino. Entretanto, não tinha conhecimentos de literatura, filosofia, política e astronomia, sendo este último mais surpreendente, já que Holmes não sabia que a Terra era redonda, julgando ser uma informação desnecessária (DOYLE, 2001). Além dessas características reforçarem a rápida identificação da personagem pelas pessoas, essa observação de Watson mostra que seu amigo não era perfeito, não era detentor de todo o conhecimento, mas apenas do que ele próprio julgava relevante.

essa análise, apresentamos uma última fala de Holmes, na qual ele explica um pouco de seu método de investigação e dedução:

Já lhe expliquei que tudo o que é fora do comum é geralmente mais uma orientação que um estorvo. Ao resolver um problema desse tipo, o principal é ser capaz de raciocinar de trás para frente. É uma façanha muito útil, e bastante fácil, mas as pessoas não a praticam muito. Nas atividades de todos os dias é mais útil raciocinar para a frente, por isso a outra maneira vem a ser negligenciada. Há cinquenta pessoas que sabem raciocinar sistematicamente para uma que sabe raciocinar analiticamente (DOYLE, 2001, p. 190).

Por conseguinte, fundamentado na noção de identidade cultural de Stuart Hall, somado às características da sua concepção de sujeito do Iluminismo, e ainda apoiado à descrição da personagem egocêntrica, científica, sistemática, de Sir Arthur Conan Doyle, obtém-se um conjunto de informações e ideias que possibilitam a percepção de que Sherlock Holmes era um sujeito iluminista, bem como apresentava traços da Era Vitoriana, os quais vão ao encontro das características descritas por Hall. Em contrapartida, no capítulo seguinte, exploraremos o autor Jô Soares e seu romance, *O Xangô de Baker Street*, como também abordaremos os conceitos de identidade cultural e pós-modernidade por outros teóricos, a fim de construirmos um embasamento que permita encaminhar-nos para a análise.

3 “SENHOR HOLMES, É UM TELEGRAMA DO BRASIL. DO PRÓPRIO IMPERADOR!”

Na obra *O Xangô de Baker Street*, Jô Soares transporta a personagem de Sherlock Holmes para um meio completamente diferente do que estava habituado, fazendo com que ele comporte-se de maneiras que não condizem com a sua identidade cultural original, de sujeito do Iluminismo. À vista disso, faz-se necessário apresentar esse espaço no qual Holmes é inserido – o Rio de Janeiro no período do Segundo Reinado – e considerar sua história e práticas culturais. Em seguida, trataremos da obra, do autor e, principalmente, do reaparecimento do protagonista nessa narrativa.

Logo, de posse da contextualização do espaço, bem como do entendimento da obra, é possível que, a partir de um estudo acerca da identidade cultural na pós-modernidade, compreendamos todo processo de transformação pelo qual Sherlock Holmes passa, uma vez que só conseguimos analisar uma mudança de identidade conhecendo sua inserção no ambiente e como ele afeta a personagem.

3.1 O RIO DE JANEIRO NO PERÍODO DO SEGUNDO REINADO

Em 1763, o Rio de Janeiro tornou-se capital do Brasil e, somente em 1808, a coroa portuguesa instalou-se na cidade com a vinda da família real para o país. Essa fuga das tropas napoleônicas em vista da quebra portuguesa no Bloqueio Continental, de 1806, imposto por Napoleão Bonaparte. André Nunes de Azevedo (2010, p. 9) afirma que, naquele século, “a cidade ganharia em cosmopolitismo, mudança de hábitos, cultura, instituições, economia e política, pois no que diz respeito à última, sabemos que o transplante da Corte marcou o início do processo de emancipação política brasileira” e, juntamente com a família real, estima-se que 15 mil pessoas transferiram-se de Portugal para o Rio de Janeiro nesse período (ALENCASTRO, 1997). Desse modo, as elites dirigentes radicadas no país e os dignatários portugueses entraram em um acordo: “a Coroa portuguesa concederia a Independência se a elite brasileira cedesse o trono ao herdeiro da Casa de Bragança” (MALERBA, 1999, p. 144). Tais condições eram inegociáveis, visto que a corte portuguesa havia se transferido para a capital carioca em 1808 e ali situado a administração de seu império. Foi toda essa modernização que fez com que as elites desejassem a independência do Brasil, que aconteceu em 1822. Diante disso e da abdicação de D. Pedro I ao trono em 1831, devido a uma série de complicações políticas nascidas dos interesses de brasileiros e portugueses, em 1840 foi

antecipada a maioria de D. Pedro II, que assumiu o poder com 15 anos incompletos. Essas mudanças foram cruciais para as posteriores transformações da cidade, que concentrava grande parte do poder político, era a principal fonte de exportação do café no país e o centro urbano brasileiro mais desenvolvido da época.

Fora do plano político, o Rio de Janeiro era – e ainda é – uma cidade de encontro de culturas. Logo, partindo do expressivo número de estrangeiros que frequentavam a capital, sendo eles, principalmente, negociantes, artistas, comerciantes e escravos, era de se imaginar a intersecção de costumes e de cultura que ocorria na sociedade carioca. Um francês que passasse pela Rua do Ouvidor naturalmente reconheceria nela os ares da rue Vivienne, centro da grande moda e da alta-costura parisienses, como conta Sérgio Buarque de Holanda (2010) ao dizer que a cidade começava a adquirir ares cosmopolitas, mesmo que ainda apresentasse marcas de seu passado colonial. Naquela época:

o aparecimento de lojistas e balconistas desacompanhadas e vestidas com apuro, logo na rua mais central do Rio de Janeiro, era uma novidade própria para revolucionar os costumes públicos e domésticos do país. Quando se vira, com efeito, em terra que sempre havia timbrado em manter-se apegada a hábitos de reclusão meio mouriscos, a familiaridade que se ia forçosamente estabelecendo entre seus moradores e mulheres estabelecidas no comércio de loja aberta? Isso poderia ocorrer, quando muito, onde se tratasse de certos negócios miúdos de quitandeiras ou vendeiras, que não raro se notabilizavam pela soltura dos costumes (HOLANDA, 2010, p. 21).

A partir disso, o autor considera que o Brasil deve muito à sua capital em termos de modernização e expansão, tanto da mentalidade quanto das aparências materiais do país. Dessa forma, em se tratando de negócios e, sabendo que o Brasil ainda usava mão de obra escrava, questiona-se qual era o trabalho do homem do Rio de Janeiro. De acordo com Frédéric Mauro (1991), os estrangeiros – sendo esses, sobretudo, ingleses e franceses – eram ativos no comércio de importação e exportação. Já o ramo destinado aos brasileiros eram as casas de comissão: eles faziam o intermédio entre os fazendeiros de café e os exportadores. A movimentação das ruas era especialmente ativa e barulhenta por volta das três horas da tarde, pois era o momento dos mercados e transações, fazendo com que o tráfego, antes interrompido, retomasse seu curso. O expediente se encerra às cinco horas da tarde, quando os negociantes digirem-se até o Largo do Paço ou Largo do Rossio, onde estão os ônibus que os levarão até suas chácaras, para lá permanecerem até o dia seguinte (MAURO, 1991).

Se existia trabalho, existia lazer, e as festividades públicas tornaram-se impressionantes principalmente depois da chegada do príncipe regente. Segundo Lilia Moritz Schwarcz (1998), nas celebrações da alta sociedade:

os horários passam a ser pautados por festas, rituais e passeios. Uma roupa para cada ocasião, passeios na Rua do Ouvidor, encontros nas confeitarias, desfiles nos teatros, etiqueta nos jantares: era a nova agenda de atividades que cercava as elites, sobretudo da província do Rio de Janeiro. Nesse contexto os guias transformaram-se em bíblias, e a artificialidade, em naturalidade mal disfarçada (SCHWARCZ, 1998, p. 464-465).

A famosa Rua do Ouvidor, já mencionada mais de uma vez, era o centro de tudo. Se os brasileiros queriam seguir os costumes e a moda europeia, ao menos ali, obtiveram sucesso. Joaquim Manuel de Macedo (2005) define essa rua como: “a mais passeada e concorrida, e mais leviana; indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, fútil, noveleira, poliglota e enciclopédica de todas as ruas da cidade do Rio de Janeiro, fala, ocupa-se de tudo” (MACEDO, 2005, p. 9). Assim, em 1808, no mesmo ano da vinda da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, chegaram também os ingleses, sendo os pioneiros a se estabelecerem na Rua do Ouvidor, uma vez que estavam em paz com a coroa de Portugal, podendo fazer comércio de importação e exportação entre o país dos trópicos e a Inglaterra. Conforme Macedo (2005, p. 85), foi a “Carta Régia que abriu os portos do Brasil ao comércio das nações amigas, e diz-se como os ingleses foram os primeiros a aproveitar-se dela”. Foi apenas anos mais tarde que chegaram os franceses. Contudo, esse atraso não os prejudicou, pois a rua ainda conseguiu ser reconhecida pelo comércio francês. Possuía bares e sorveterias e a sociedade carioca costumava passear por ela, sair para conversar com os amigos. Além disso, para Mauro (1991, p. 22), ela “era o salão ao ar livre, o ponto de encontro dos intelectuais”. A história da Rua do Ouvidor é longa e rica, tanto por sua longevidade quanto pela quantidade de episódios dos quais ela foi palco. Macedo (2005), revela que ela conta com mais de trezentos anos e que nasceu de um desvio da Rua Direita, o qual curiosamente:

teve por primeiros moradores gente pobre, no trabalho porém ativa, peões que exerciam misteres, operários, e um cirurgião que era barbeiro dos nobres. Mas no ano de 1590, e sem intervenção nem audiência da Câmara Municipal, o *Desvio do Mar*, por acordo geral dos colonos, subiu ao grau honorífico de rua urbana com o nome de *Aleixo Manuel* (MACEDO, 2005, p. 12).

Entretanto, não apenas da Rua do Ouvidor que se constituía o Rio de Janeiro. A fim de melhor ilustrar esse espaço e a maneira como a vida fluminense se sucedia, sustentando-se em Mauro (1991), faremos um breve apanhado das principais ruas da capital brasileira no século XIX, começando por aquela que deu origem à rua previamente apresentada: a Rua Direita. Ocupada pelos cambistas e pelos grandes negociantes, nela ficavam os prédios da alfândega e é onde encontrava-se o círculo dos estrangeiros, que recebia os principais jornais da Europa e da América. Apesar da sua popularidade e importância, “o calçamento da Rua

Direita era detestável. Por ela cruzavam-se, sucessivamente, as ruas do Ouvidor, do Rosário do Hospício, da Alfândega e São Pedro, que se encontravam no mesmo estado” (MAURO, 1991, p. 21). Enquanto isso, o ouro era trabalhado na Rua dos Ourives e a preferência pela escolha da mercadoria francesa expunha a tentativa da cidade de se comparar à capital da França. Nessa rua encontravam-se “muitos comerciantes alemães, franceses ou suíços, mas Paris já tinha um grande prestígio, e era de lá que chegavam sempre a mercadoria mais bela, o objeto de luxo, a obra-prima” (MAURO, 1991, p. 22). Por sua vez, a Rua do Rosário tinha uma grande variedade de lojas, mas, em sua maioria, achavam-se ali os comerciantes de comestíveis e, conseqüentemente, o vinho do Porto e os presuntos de Lisboa. A fineza brasileira concentrava-se nas Ruas do Hospício, do Sabão, da Alfândega e do Senhor dos Passos, pois era ali que as senhoras das ilhas vinham fazer sua fortuna no Rio de Janeiro. “Quanto à Rua São Bento, era o grande entreposto dos cafés de onde partiam os negros minas, atletas robustos que faziam o serviço dos depósitos do porto” como bem descreve o autor (MAURO, 1991, p. 24). Por fim, mas não menos importante, na Rua da Quitanda poderíamos observar os padrões das operações comerciais portuguesas, todos bem vestidos, em contraste com seus caixeiros sujos, eficazes e rentáveis para seus patrões. Eram comerciadas telas, tecidos e sedas. Apesar do calçamento dessas ruas deixar a desejar, como comentado previamente, elas não eram de todo ruins:

Em 1858 havia ainda algumas centenas de velhos lampiões de pavio de óleo que soltavam fumaça e crepitavam. Mas o gás invadiu quase tudo: os teatros (desde 1850), os edifícios públicos, as lojas, as ruas. O barão de Mauá, grande homem de negócios, criou uma companhia de gás. Os transportes eram de diversos tipos. Além do cavalo e até da mula, usados ainda para trazer mercadorias do campo, os ricos serviam-se dos mesmos veículos que na Europa: tipóia, caleça ou tálburi. Quando se era mais modesto, podia-se recorrer ao serviço das gôndolas (MAURO, 1991, p. 24).

Enquanto isso, na vida particular, o Império brasileiro do século XIX também trouxe mudanças. De acordo com Mary Del Priore (2016), quanto à moradia, esta integrou-se aos movimentos econômicos e sociais que transformavam a época, aprimorando sua arquitetura conforme as necessidades, mas sem esquecer da moda, igualmente influenciada pela cultura europeia. No que se refere às relações dentro de casa, a autora expõe que “a época e a sociedade conferiam grande importância à vida privada. Segundo a hierarquia social, tais espaços protegiam mais ou menos eficazmente a intimidade e o conforto, valores novos que se materializavam nas condições de higiene, na decoração e no mobiliário” (DEL PRIORE, 2016, p. 125). Dessa forma, esse período da história propôs uma nova ordem para os comportamentos da família:

Na casa oitocentista, a noção de intimidade ou privacidade variava de acordo com os diferentes grupos. Nas diferentes faixas sociais, o papel da família determinava tanto o uso de determinados objetos, quanto o cotidiano das pessoas. Se as mulheres realizavam trabalhos domésticos, por exemplo, acumulavam-se máquinas de fiar ou cozer, inúmeras panelas para fazer doces, sabão ou óleo. Para as crianças, surgiam cômodos onde brincavam e estudavam. A vida dos criados e escravos mudou atendendo às exigências de modismos. Entre os abastados, contratavam-se mordomos e preceptores. A cozinheira escrava deu lugar ao cozinheiro francês ou italiano. A divisão dos papéis também se acentuou: a mulher era a reprodutora e a consumidora. O homem – o trabalho e a produção – ficava fora do âmbito doméstico. Ela em casa. Ele na rua (DEL PRIORE, 2016, p. 124).

A respeito dos prazeres masculinos, Del Priore (2016) conta que o Rio de Janeiro passou a ganhar mais cafés e botequins, pois, alimentados por modismos franceses, era ali que instalavam-se os homens para seus crescentes hábitos sociais. Nesses locais eram feitas discussões de livros, jogatinas de cartas e de bilhar, este último descrito como o “passatempo francês rapidamente incorporado pelos cariocas que quisessem se sentir em Paris” (DEL PRIORE, 2016, p. 216), mostrando que a necessidade de submeter-se aos costumes europeus estava em todos os campos. No que tange à leitura, a oferta tornava-se imensa, e esse é mais um aspecto que se deve à cultura estrangeira:

Radicados ou não entre nós, principalmente entre o Primeiro e o Segundo Reinado, os franceses não se dedicaram apenas ao comércio de produtos de consumo de luxo, mas tiveram forte participação no desenvolvimento das letras. A eles ficamos devendo não apenas a circulação de livros e jornais em francês, mas “as primeiras livrarias e bons encadernadores” (DEL PRIORE, 2016, p. 216).

Ao mesmo tempo, a ignorância feminina era incentivada pelos homens da casa. Apesar da crescente onda no âmbito literário e no social, por meio dos botequins, para além das tarefas domésticas, coisa de mulher era ter um professor de dança e um cabeleireiro responsável por seus penteados e perucas (DEL PRIORE, 2016). Ainda a mesma autora revela como era a típica imagem das mulheres casadas da época – o mais simples possível:

As senhoras casadas traziam a severidade como marca de distinção: poucos adereços, o vestido escuro ou negro, geralmente com detalhes discretos de miçangas, renda ou pregas. E joias simples, tipo broche ou brincos pequenos. Cabelos em coques presos para trás e tranças presas em laçarotes eram uma opção possível. Nos quadros a óleo que restaram desses tempos, as feições não trazem marcas de cosméticos. Ainda se sentavam no chão, à turca. Ainda eram transportadas por negros em cadeirinhas pintadas e douradas e redes ornamentadas. Ainda dedicavam meia hora às orações nos finais de tarde (DEL PRIORE, 2016, p. 234).

Contudo, a classe das mulheres passava longe de ser a única oprimida. Não podemos deixar de mencionar que “enquanto no século XIX, dominado pelo trabalho livre, o escravismo apresentava-se como uma grotesca exceção que o Império do Brasil era o último país do mundo aferrado em manter” (ALENCASTRO, 1997, p. 93), sendo, pois, muito marcantes as diferenças raciais existentes em um país ainda escravocrata. No aspecto físico, tal diferença já era gritante se comparado Dom Pedro II ao seu próprio povo. Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling (2015) denunciam isso ao descrever o monarca: “Com o tipo dos Habsburgo – queixo longo, olhos muito azuis, pele clara, cabelo liso e alourado –, o príncipe destacava-se em meio à população de seu reino, em sua boa parte composta de negros, mestiços e mulatos” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 342). Por fim, é válido reforçar que essas diferenças raciais também determinavam posição social e poder econômico, corroborando a discriminação do nativo brasileiro e de sua cultura própria:

a oposição racial se confunde com a oposição social, e quanto mais se é rico, mais se é branco. Tais atitudes eram ainda mais claras no século XIX que no século XX, pois a Europa continuava sendo vista como o modelo, e o brasileiro branco fazia questão de ser considerado europeu (MAURO, 1991, p. 35).

Esse Rio de Janeiro que tentava ao máximo assemelhar-se à Europa, especialmente a Paris, não deixava de ter seus problemas. A capital do Brasil tornava-se mais populosa e, conseqüentemente, as diferenças sociais e econômicas também aumentavam. As relações públicas estavam desenvolvendo-se rapidamente nas ruas, botequins e teatros e, enquanto isso, nas relações privadas havia uma grande polarização de tarefas, que separava homens, mulheres e escravos, principalmente. Isso posto, no próximo capítulo, estudaremos, entre outros aspectos, *O Xangô de Baker Street* e o recebimento que a obra teve pelo público. É nesse cenário que Sherlock Holmes, personagem da Era Vitoriana, é inserido por Jô Soares.

3.2 O REAPARECIMENTO DA PERSONAGEM NO ROMANCE DE JÔ SOARES

Jô Soares é um artista prolífico brasileiro. De talento muito versátil, é humorista, apresentador de televisão, escritor, dramaturgo, diretor teatral, ator e músico. Desde 1959, participou de muitos programas humorísticos da TV brasileira. No entanto, o que mais lhe deu notoriedade foram os programas de entrevistas que esteve à frente, inspirados nos *talk-shows* americanos, um sonho concretizado do artista (MEMÓRIA GLOBO, 2002). Em 1988 ele estreou o Jô Soares Onze e Meia no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), que ficou no ar

por 11 anos, e em sua despedida da TV, no ano de 2016, não deixou de agradecer a Silvio Santos, proprietário do SBT, por ter aberto as portas para esse seu projeto (MAIA, 2016). Porém, antes disso, em 2000, Jô Soares ainda estrelou na Rede Globo o Programa do Jô, atração que ficou no ar por 16 anos e se dava nos mesmos moldes de seu primeiro programa de entrevistas. A respeito dessa outra oportunidade, que deu continuidade ao seu sonho, o apresentador disse: “Voltei pela possibilidade de fazer mais entrevistas internacionais, pelas facilidades de gravação, pelo apoio do jornalismo” (MEMÓRIA GLOBO, 2002), referindo-se ao fato de já ter estado na Rede Globo antes mesmo do SBT e por ter retornado. Posteriormente, após quase 30 anos de entrevistas e 15 mil convidados entrevistados, Jô Soares explicou à Jovem Pan (2017) que sentia ser a hora certa de encerrar o ciclo, pois já não vinha mais fazendo os programas com tanto prazer:

Se pelo lado matemático seria lindo fazer 30 anos, por outro lado eu já não ia gravar como o mesmo prazer. No meu caso eu sou levado a fazer as coisas pelo prazer de fazer. Quando saí da Globo, falaram que eu era louco. Eu queria mudar, não dava para ficar fazendo personagem, essa época dentro de mim já passou (JOVEM PAN, 2017).

José Eugenio Soares, seu nome completo, nasceu no Rio de Janeiro em 1938. Filho dos paraibanos Mercedes Pereira Leal e Orlando Heitor Soares, quando criança sonhava em ser diplomata por tradição e influências familiares (FRAZANI, 2020). Aos 12 anos de idade foi estudar na Suíça com esse objetivo, mas descobriu que sua vocação era outra: “Sempre quando ia ao teatro, assistir a shows, ia para a coxia ver como era. E já inventava números de sátira do cinema americano; fazia a dança com os sapatinhos que eu calçava nos dedos” (MEMÓRIA GLOBO, 2002), conta o humorista. Em sua biografia, *O livro de Jô: uma autobiografia desautorizada* (2017), Soares relata que em uma tarde qualquer, na qual apresentava uns números para uma roda de amigos, um homem que o observava lhe falou que com certeza acabaria por trabalhar no teatro; esse homem era Silveira Sampaio¹⁸.

Nas palavras de Millôr Fernandes (2017), jornalista e humorista brasileiro, Jô Soares é “cordura” – prudente, sensato, tolerante, amigável, afetuoso. Ele comenta sobre o amigo, sua vida pessoal e profissional, com leveza, graça e um pouco de comicidade:

Profissional perfeccionista, sua vontade de acertar é tão grande que só atira nos diretores de tevê com mira telescópica. Pintor de domingo, seus quadros são um dia

¹⁸ José Silveira Sampaio foi um médico, autor, ator, diretor, produtor, jornalista e empresário brasileiro. Formou-se em Medicina em 1935 e ainda durante a faculdade ganhou um prêmio pela autoria de uma peça de teatro. Foi um dos precursores dos *talk-shows* no Brasil e criador de um estilo cômico intrinsecamente ligado à cultura carioca dos anos 50 e 60. Sampaio foi uma das personalidades que incentivaram e influenciaram Jô Soares.

de descanso. Acha que o problema demográfico só estará resolvido se a população, além de não crescer em número, diminuir de cintura. Sempre de bom humor, nem parece humorista. Adora motocicleta, sua forma pessoal de bicicleta. Lê muito, sobretudo o que ele mesmo escreve, sua forma pessoal de feedback. Conversador compulsivo, gasta com amigos todos os restos da semana — pois não crê em poupança do tempo que lhe sobra. Usa roupas fantásticas — só para compensar um mundo cinza. Exibicionista nato, um dia descobriu que, pondo bilheteria, era muito mais fácil. Fala diversas línguas; tem sotaque apenas em português, claro. Não escolhe papéis — aceita seu script em papel fino, crepom ou *Schoellershammer*. Eclético total, o que mais gosta é tudo. Só estará realizado no dia em que interpretar um personagem totalmente sem graça e o público não rir (FERNANDES, 2017, p. 8-9, grifo original).

Sob outra perspectiva, em relação à sua carreira de escritor, atualmente, com 83 anos, Jô Soares é autor de 9 obras – algumas em parceria com outros escritores, como Luis Fernando Verissimo e Millôr Fernandes – e dentre elas estão: *Humor nos tempos do Collor* (1992), *O homem que matou Getúlio Vargas* (1998) e *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* (2005), para citar algumas. Todavia, seu primeiro romance foi publicado em 1995. Trata-se de *O Xangô de Baker Street*, narrativa tão bem humorada quanto o autor, na qual Soares utiliza-se da personagem mais famosa de Arthur Conan Doyle para dar vida à história de uma investigação no Brasil. Em uma entrevista concedida ao programa Roda Viva (2011), da TV Cultura, Jô Soares fala um pouco a respeito do contexto de produção dessa obra. O autor conta que só começa a escrever um livro quando já tem a ideia completa dele formada. E foi o que aconteceu com *O Xangô de Baker Street*. Porém, inicialmente, Soares ofereceu a ideia da história para seu amigo Rubem Fonseca que, por sua vez, respondeu ao humorista que deveria deixar de ser preguiçoso e ele mesmo escrever e publicar o romance. Contudo, Fonseca ainda acabou sendo o revisor da obra.

A trama, que se passa no Rio de Janeiro do século XIX, mais especificamente em 1886, ainda governado pela monarquia, envolve, principalmente, a nobreza e a elite carioca, evidenciando que Jô Soares fez um profundo estudo histórico para escrever a obra. Nesse contexto, a atriz francesa Sarah Bernhardt, grande celebridade da época, vem ao país apresentar-se pela primeira vez, e é para ela que o imperador Dom Pedro II confia um segredo: um valioso violino Stradivarius, presente seu à baronesa Maria Luíza, desaparecera misteriosamente. A estrela sugere ao monarca que contate o ilustre detetive inglês, Sherlock Holmes, para investigar o caso. Logo, em outro continente, o comunicado é recebido pela senhoria do prédio onde mora o investigador, que o avisa: “Senhor Holmes, é um telegrama do Brasil. Do próprio imperador!” (SOARES, 1995, p. 31), e ele rapidamente embarca para os trópicos acompanhado por John Watson. Enquanto isso, um assassinato choca o Rio de Janeiro e deixa em pânico o delegado: uma prostituta fora assassinada e teve suas orelhas

decepidas e uma corda de violino estrategicamente colocada em seu corpo pelo criminoso. Dessa forma, Holmes e Watson, ao chegarem à capital, acabam sendo convocados para, paralelamente, ajudarem a resolver esse mistério também. Entretanto, o que eles não esperavam era que teriam outros obstáculos pela frente, os quais não estavam acostumados a enfrentar na Inglaterra. Em solo brasileiro, o detetive apresenta-se muito mais sociável, experimentando pratos típicos do país e apaixonando-se por uma mulata¹⁹, o que acaba por tirar o seu foco do caso principal e faz com que se equivoque nas suas deduções. Esses são apenas alguns dos empecilhos com os quais os dois ingleses se deparam, tornando o infalível Sherlock Holmes mais propenso a erros²⁰.

Bem recebido pelo público, um mês depois de seu lançamento, o livro teve divulgação na Feira Internacional de Frankfurt, na Alemanha. Segundo Patricia Decia (1997), isso rendeu a publicação também na própria Alemanha, além de Espanha, França, Itália, Portugal, Argentina e, posteriormente, no Japão, Finlândia e Holanda. Já nos Estados Unidos a repercussão foi tão grande que, de acordo com a mesma fonte, a Editora Pantheon chegou a pagar US\$ 100 mil pelo livro de Jô Soares. O autor se disse surpreso pelo fato desse interesse ter surgido apenas em 1997, mas certamente sentiu-se contente: “É maravilhoso. A gente estava batalhando por isso. Mas fiquei surpreso por ter acontecido agora, tanto tempo depois do lançamento” (DECIA, 1997). Ele ainda complementou, em entrevista, procurando dar uma explicação para esse fato:

Quando você escreve, não pensa em botar esse ou aquele ingrediente, mas a história tem personagens conhecidos e todo um clima de época de que as pessoas gostam muito. Acho que ajudou muito já existir uma tradução pronta e o fato de o livro ter saído em lista da International Publishers como o oitavo mais vendido do mundo (DECIA, 1997).

O sucesso de *O Xangô de Baker Street* também rendeu uma adaptação para o cinema no ano de 2001. O filme, dirigido pelo cineasta brasileiro Miguel Faria Jr., foi protagonizado por Joaquim de Almeida, ator luso-americano que interpreta Sherlock Holmes, uma vez que a

¹⁹ Com o avanço dos debates sociais, raciais e étnicos, hoje em dia entende-se que os termos “mulato” e “mulata” são de caráter pejorativo, discriminatório. Contudo, em *O Xangô de Baker Street*, publicado em 1995, o termo ainda é utilizado. Dessa forma, neste trabalho, usamos a terminologia empregada na obra sem qualquer intenção discriminatória.

²⁰ Sherlock Holmes é conhecido por seu método de observação e dedução – quase – infalível. Dentre todas as narrativas escritas por Arthur Conan Doyle, há apenas uma em que o detetive falha em sua missão. No conto “Escândalo na Boêmia” (1891), Holmes é derrotado por uma mulher chamada Irene Adler, pela qual ele acaba por manter muita estima.

personagem sabe falar português de Portugal²¹ na história. Outros nomes que estrelaram a produção foram Anthony O'Donnell, como John Watson; Maria de Medeiros, como Sarah Bernhardt; Cláudia Abreu, como a baronesa Maria Luíza; Cláudio Marzo, como D. Pedro II; além da presença do próprio Jô Soares interpretando o desembargador Coelho Bastos. O lançamento do filme aconteceu no Festival do Rio, bem como sua estreia nos cinemas brasileiros e portugueses.

Finalmente, ao falarmos de críticas a respeito do romance, considerando-se o ano de publicação da obra, não se encontra uma profusão de avaliações relativas a ela. Entretanto, foi localizado um texto de autoria de Arnaldo Jabor na Folha de S. Paulo, publicado pouco depois do livro, que considera *O Xangô de Baker Street* uma representação da *belle époque* tropical. Jabor (1995) não mede elogios para a narrativa e diz que o autor encanta o leitor por conseguir fazer uma excelente combinação entre contexto histórico, classes sociais, suspense, bom humor, inteligência, amor e cenas brutais. O jornalista elenca alguns motivos pelos quais aplaude a obra:

Primeiro, porque Jô pesquisou muito e assim criou um respeito pela vida real das personagens que impedem qualquer simplismo. Segundo, porque o livro tem duas máquinas separadas: a trama policial, ou melhor, a paródia de uma trama policial, e a cidade como pano de fundo. O raconto cheio de suspense e humor serve para abrir a cortina sobre o Rio daquele tempo. A brutalidade de certas cenas de facas e necrotérios (não sem humor negro) nos leva para a frente sem poder largar o livro. E esta caça ao criminoso nos leva a um maravilhoso passeio no passado. Nostalgia e necrotérios.

O livro de Jô parece um "blend" entre Rubem Fonseca e Luis Edmundo. A fragilidade de uma civilização montada com supérfluos para as classes altas fica visível através dos "inserts" de barbárie que vemos nos botecos e prostíbulos. Mas, também a grande magia do Rio antigo vem à tona com irresistível sabor (JABOR, 1995).

Para Arnaldo Jabor, o texto traz uma despreensão que deixa tanto a leitura quanto a vida mais leves, fazendo com que a narrativa flua sem esforços e de maneira agradável. No entanto, apesar de ter agradado grande parte do público e da crítica, existiram as exceções. Paulo Nogueira (2015), em uma publicação no Diário do Centro do Mundo, site de notícias do qual é fundador e diretor editorial, afirma que apesar de ter ciência da extraordinária repercussão que teve o livro, acredita que seja apenas por conveniência, pois “pessoas influentes como Jô Soares recebem, a despeito de seus méritos, um tratamento VIP” (NOGUEIRA, 2015). Para o jornalista, que elenca uma lista de histórias de mistério que leu

²¹ Segundo a narrativa de Jô Soares, Sherlock Holmes esteve em Macau, na China, por quase seis meses, com o propósito de estudar os misteriosos venenos orientais. O maior especialista dessa matéria era um cientista português chamado Nicolau Travessa.

desde criança, *O Xangô de Baker Street* é fraco e amador. Ele explica: “Meu maior reparo ao livro, lembro, era seu final. Em bons romances policiais, o assassino é *sempre* um personagem relevante na trama. É quando o leitor diz: ‘Não acredito!’ No Xangô, o culpado era absolutamente inexpressivo, coisa de quem não é do ramo” (NOGUEIRA, 2015, grifo original).

O fato é que, gostando ou não, o primeiro romance de Jô Soares foi um sucesso intercontinental e abriu as portas para que o humorista se arriscasse mais na carreira de escritor. O menino que, desde cedo, acreditava na diplomacia, não imaginava o humorista e romancista que viria a se tornar, sendo um ícone para seu país. *O Xangô de Baker Street* é uma trama policial carregada de bagagem histórica e dotada de um humor ácido peculiar, características que, somadas, tornam-na única.

3.3 IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

Quando se discute identidade cultural, há uma multiplicidade de vieses estudados. Na investigação de *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares, identificou-se que o detetive Sherlock Holmes demonstra características da identidade pós-moderna, inicialmente teorizada por Stuart Hall. Entretanto, em um primeiro momento, entende-se ser fundamental retomar alguns conceitos primordiais acerca de identidade cultural. Ainda que algumas definições iniciais tenham sido abordadas no capítulo 2 (p. 22), essa retomada faz-se necessária para verticalizar a discussão. Para tanto, começaremos introduzindo algumas noções de identidade a partir de diferentes teóricos. De modo geral, conforme Denys Cuhe (1999, p. 182), identidades são “uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato”. Zygmunt Bauman (2003, p. 21) afirma que “uma vida dedicada à procura da identidade é cheia de som e de fúria. Identidade significa aparecer: ser diferente, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar”. Vê-se, portanto, que os teóricos já pensam nessa questão como o lugar do eu e o lugar do outro. Consoante essas definições de identidade, Tomaz Tadeu da Silva aponta como ela está suscetível a se modificar, uma vez que não é absoluta e, por isso, nunca estará completamente terminada:

a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato, seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um

processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada (SILVA, 2000, p. 96).

Devido à difusão dos espaços culturais, torna-se tarefa árdua definir os limites para o fim de uma cultura e o início de outra. Desse modo, com as contínuas trocas de experiências entre indivíduo e povos, o processo de formação de identidades faz-se constante e incessante. Dessa forma, a construção de identidade acontece “no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais” (CUCHE, 1999, p. 182).

Outro conceito que conversa com essas definições e está fundamentalmente ligado à identidade é a diferença. É o que Kathryn Woodward, no ensaio “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual” destaca, ao citar casos que evidenciam a necessidade de existir diferença para que haja, de fato, uma identidade.

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios* (WOODWARD, 2000, p. 40, grifos originais).

Os sistemas classificatórios são responsáveis por distinguir indivíduos ou grupos de uma mesma sociedade de acordo com as suas diferenças, de modo que seja possível dividi-la, dando ordem à vida social. Para Woodward (2000), é possível que se separe pessoas de uma população em grupos de “nós/eles” e “eu/outro”, por exemplo. Contudo, conforme a autora, há duas perspectivas de construção das diferenças: pode-se tanto excluir as pessoas que são vistas como estranhos ou estrangeiros, quanto tomá-las como enriquecedoras em função de sua heterogeneidade capaz de engrandecer uma determinada identidade e cultura.

Posto isso, com o passar dos anos e das conseqüentes mudanças da sociedade, a percepção de identidade cultural foi se transformando. Por essa razão, o sociólogo Stuart Hall (2015) categorizou esses períodos de modo a definir três concepções diferentes, também já mencionadas no capítulo 2 deste trabalho: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Sumariamente, o sujeito do Iluminismo constitui um ser individualizado e dotado de razão, enquanto o sujeito sociológico é composto da interação entre a sua essência e o contato com os mundos culturais.

Finalmente, a concepção do sujeito pós-moderno, que sustenta a presente pesquisa e, portanto, deteremo-nos mais, é entendida como “não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2015, p. 12). O autor explica, também, que ela é constantemente afetada por inúmeras influências externas:

[A identidade] É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.[...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2015, p. 13).

Para Hall, essa identidade está em um contínuo processo de construção, visto que sofre modificações advindas do mundo que está ao seu redor. À vista disso, o sujeito pós-moderno está relacionado aos processos de globalização que, de acordo com Anthony Giddens (1991, p. 60), pode ser definida como “a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”. Portanto, com a aproximação entre pessoas e sociedades, diferentes culturas confrontaram-se, permitindo que influências fossem trocadas e que surgissem alterações nas dinâmicas culturais. Hall (2015) entende que a globalização afeta a velocidade com que as mudanças identitárias ocorrem. Nas sociedades modernas, tais transformações sucedem-se rápida e constantemente. Por outro lado, nas sociedades ainda mais orientadas por valores ligados às tradições, as mudanças identitárias são demoradas e enfrentam resistência por parte dos habitantes do espaço cultural.

A globalização e a pós-modernidade estão lado a lado, uma depende da outra, uma é consequência da outra. No entanto, diferentemente da globalização, que é facilmente identificável, a pós-modernidade traz concepções muito amplas. De forma genérica, a fim de responder ao que se refere a pós-modernidade, Giddens (1991, p. 45-46) explica que:

Afora o sentido geral de se estar vivendo um período de nítida disparidade do passado, o termo com frequência tem um ou mais dos seguintes significados: descobrimos que nada pode ser conhecido com alguma certeza, desde que todos os “fundamentos” preexistentes da epistemologia se revelaram sem credibilidade; que a “história” é destituída de teleologia e conseqüentemente nenhuma versão de “progresso” pode ser plausivelmente defendida; e que uma nova agenda social e política surgiu com a crescente proeminência de preocupações ecológicas e talvez de novos movimentos sociais em geral.

Apesar desse entendimento amplo, para os fins dessa pesquisa, há uma grande quantidade de estudos e divergências acerca dessa questão, resultando na ausência de uma definição única com que todos os teóricos concordem e gerando mais discussões a respeito dessa teoria social. De todo modo, é possível compreender a ideia da pós-modernidade a partir de David Harvey (2008, p. 49):

Começo com o que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que armavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos “eternos e imutáveis” que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se esboja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse.

Os principais debates circulam em torno do inconformismo de que tudo, na pós-modernidade, é descontínuo, esfacelado. Por conta da globalização e da pluralidade de diferentes culturas, ideais, influências externas, as identidades acabam por se romperem e ficam suscetíveis a todas essas transformações. Hall (2015) argumenta que esses fluxos culturais entre as nações, essa multiplicidade de estilos, denunciam uma interdependência global que pode levar ao colapso das identidades culturais. Assim, à medida que esse bombardeamento está acontecendo, torna-se inevitável o partilhamento de identidades e é a isso que se refere o pós-modernismo.

Considerando-se essa noção, voltamos ao entendimento de identidade, em que ela é definitivamente formada ao longo do tempo “através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (HALL, 2015, p. 38). Em comum acordo com essa visão proposta por Hall, Bauman (2003) também entende que as identidades devem ser maleáveis e estar sujeitas a reformulações e reelaborações e que, além disso, a autocriação e autoafirmação são fundamentais nesse processo.

Logo, estando o sujeito inserido em uma sociedade pós-moderna e globalizada, ele sofre influências dela, de sua diversidade cultural e de todas as possíveis identidades que o rodeiam e com que possa se identificar, estando sujeito a todas essas inevitáveis mudanças culturais. Assim, para Peter Burke (2003), isso pode ser compreendido como “hibridismo cultural”, que, para o autor, sintetiza a permuta de capital simbólico que ocorre entre culturas

de fronteiras “abertas”, em que seus membros podem transitar livremente entre diferentes espaços, incorporando significações e assumindo novas identidades.

Em suma, dada a fluidez da pós-modernidade, as identidades desse tempo perderam o antigo caráter de estagnação e de rigidez. Fruto da contemporaneidade e das relações de trocas de bens culturais, as identidades culturais pós-modernas são móveis, diversificadas e maleáveis, incorporando novas características a todo instante: “não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (HALL, 2000, p. 108). Em *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares, essas características identitárias são perceptíveis na personagem Sherlock Holmes, quando comparados à obra de estreia do detetive, *Um estudo em vermelho*. Desse modo, prosseguiremos à análise de três circunstâncias que caracterizam a nova identidade assumida por Holmes.

4 “ESTOU A ME REGALAR EM VOSSAS TERRAS”

Ao realizarmos a leitura de *O Xangô de Baker Street*, percebemos que a identidade de Sherlock Holmes, constantemente, adquire novas características, sendo essas representativas do sujeito pós-moderno. Assim, pouco a pouco, o detetive abandona alguns dos traços delimitados por Arthur Conan Doyle para, então, configurar-se em uma nova persona.

Portanto, para empreender a análise deste capítulo, delimitamos três instâncias que consideramos que destacam, mais efetivamente, as transformações sofridas por Sherlock Holmes: o modo rápido e fácil pelo qual o detetive se envolve com práticas populares brasileiras, ensejando a modificação dos seus costumes ingleses; a repentina lascívia, interesse que Holmes nunca havia demonstrado antes, mas é despertado pelas mulatas brasileiras; e, como consequência de todos esses fatores, a resultante perda de foco do motivo principal de sua visita ao Brasil: a investigação do Stradivarius desaparecido.

4.1 O ENVOLVIMENTO COM PRÁTICAS POPULARES BRASILEIRAS

Logo no início do romance de Jô Soares, Sherlock Holmes recebe uma convocação de Dom Pedro II para investigar o desaparecimento de um valioso Stradivarius em solo brasileiro. O detetive, com sua identidade formada em Londres e muito habituado aos costumes ingleses, pouco ou nada sabia sobre o Brasil. Entretanto, isso não o afastou das práticas populares dos trópicos, pelo contrário, deixou-o mais interessado e disposto a conhecer tudo o que encontrasse pela frente.

Quando o navio do detetive e de seu companheiro, John Watson, atraca nas terras da América, ainda a bordo, já é possível observarmos a primeira situação em que Holmes reconstrói sua identidade. Ao observarem o trabalho dos pescadores de tubarão, Watson, com a intenção de manter seus hábitos da Inglaterra, comenta:

— Nunca imaginei que esse peixe fosse tão burro — desdenhou Watson, puxando seu relógio. — Já passa das cinco. Hora do chá.

— Meu caro Watson, vejo que você ainda não se acostumou aos trópicos. Em vez de chá, é melhor experimentar essa água de coco que os marinheiros acabaram de trazer a bordo. Dizem que é refrescante e deliciosa.

— Fico com o chá. Basta a diarreia que tive em Calcutá quando experimentei suco de manga com leite.

— Watson, às vezes me espanta a sua falta de capacidade de se adaptar às circunstâncias. Por mim, já me sinto um nativo (SOARES, 1995, p. 60).

Sherlock Holmes, conhecido por sua personalidade difícil de se lidar, metódico e muito rígido quanto a isso, prezando por sempre manter os mesmos hábitos, é quem, surpreendentemente, prova a água de coco, facilmente substituindo o tradicional chá das cinco. Ressaltando que eles recentemente haviam cruzado a fronteira, estavam em um espaço de transição, e para Burke (2003), as metrópoles e as fronteiras são lugares favoráveis à troca cultural, uma vez que não existe uma fronteira cultural nítida e tão resistente entre grupos, tornando impossível dizer onde termina uma identidade cultural e onde começa outra. Segundo o autor:

Estas zonas de fronteira, como cidades cosmopolitas, podem ser descritas como “interculturais”, não apenas locais de encontro, mas também sobreposições ou interseções entre culturas, nas quais o que começa como uma mistura acaba se transformando na criação de algo novo e diferente (BURKE, 2003, p. 73).

Dessa forma, a fronteira é palco de encontros culturais e espaço carregado de elementos vulneráveis, passíveis de transformação. Assim, ao cruzarem a fronteira – ou trocarem de espaço cultural –, isto é, quando chegam em terras brasileiras, as personagens são rapidamente confrontadas por práticas e símbolos da cultura brasileira, como no caso, a água de coco. Enquanto John Watson apresenta-se resistente aos elementos da nova cultura, Sherlock Holmes já demonstra estar mais aberto a trocas, atitude que causa choque no leitor que conhece o detetive londrino residente da 221B Baker Street. Consoante Woodward:

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2000, p. 17).

Ao perceber que pode adaptar sua maneira de agir e ressignificar sua identidade cultural, Holmes admite a mudança e passa a contrariar as antigas certezas, bem como a produzir novas formas de posicionamento, deixando que essas últimas respondam às questões citadas pela autora. Isso também é percebido em outro momento, já bem mais avançado na narrativa, em que Sherlock mostra-se disposto a aprender um ritmo musical novo, contrariando sua personalidade original em que costuma ser orgulhoso e até mesmo arrogante, não aceitando saber menos do que os demais.

Nesse momento, o detetive, juntamente com seu companheiro, chega à casa de Maria Luísa Catarina de Albuquerque para fazer algumas perguntas acerca do violino desaparecido a

Mukumbe, escravo alforriado da baronesa. Ao avistarem a dama, os dois cavalheiros impressionam-se com sua aparência e, principalmente, com seus seios fartos. Em relação a Sherlock Holmes, isso já caracteriza uma mudança de identidade, visto que ele não manifestava esse tipo de interesse, muito menos durante uma investigação. Contudo, a análise por esse viés será empreendida no subcapítulo seguinte e, portanto, deteremo-nos agora ao fato do detetive ter se interessado pela prática de músicas diferentes do que costumava tocar e apreciar em Londres:

— E que tipo de música toca? — disse Holmes, retomando o assunto anterior.

— Depende. Na capela, é claro, música sacra. Quando eu toco com a sinhá, valsas e polcas, mas o que eu gosto mesmo é do maxixe e do samba.

— Maxixe? Samba?

— São danças de roda trazidas de Angola. Se a sinhá permitir, posso dar uma pequena demonstração. — Mukumbe olhou para a baronesa, como que a pedir aprovação.

— Claro que sim, Mukumbe. Se bem que o cravo não é muito adequado. Não tome muito o tempo do senhor Holmes.

Antes mesmo que Maria Luísa terminasse, o gigante sentou-se ao instrumento e começou a improvisar. O ritmo era empolgante. Suas mãos enormes corriam como aranhas pelo teclado. Sem se dar conta, Holmes acompanhava o compasso batendo com seu cachimbo num console Luís XV ao lado do cravo. Mukumbe terminou executando um chorinho de Ernesto Nazareth.

— Pena que deixei meu violino no hotel. Adoraria aprender esses ritmos novos explicou o detetive, continuando seu batuque, que já deixara uma marca indelével no console (SOARES, 1995, p. 130-131).

Em *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle, ainda quando estava conhecendo seu companheiro, Watson comenta sobre o talento extraordinário de Holmes para tocar violino, reconhecendo que este sabia tocar peças musicais bastante difíceis, além de compor. O detetive variava nos ritmos, alternando entre melodias alegres ou melancólicas. Porém, o fato é que, quando voltava-se a essa prática, não poderia ser interrompido, gostava de ficar totalmente na companhia única de seus pensamentos. Já no Brasil, além de apreciar ritmos alternativos, estaria disposto a aprender e a praticar junto de outra pessoa.

Conforme análise de Clifford Geertz (2015), os sistemas culturais são como teias carregadas de bagagem e significado, as quais pressupõem trocas contínuas de experiências, onde membros de um mesmo sistema cultural são capazes de decodificar os significados e significantes e responder com o *feedback* apropriado para a circunstância. Desse modo, Sherlock utiliza signos alusivos à prática musical, a fim de oferecer uma permuta de conhecimento com Mukumbe entre seus sistemas culturais. Ainda para Geertz:

Deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais

encontram articulação. Elas encontram-na também, certamente, em várias espécies de artefatos e vários estados da consciência (GEERTZ, 2015, p. 12).

No caso referido, o artefato encontrado são os instrumentos musicais – o violino para Sherlock e o cravo para Mukumbe – e é por meio deles que a identidade cultural de Holmes “conhece variações, presta-se a reformulações e até a manipulações” (CUCHE, 1999, p. 196). Dessa forma, prosseguindo a atenção para o comportamento da personagem principal, não muito depois do envolvimento com um novo ritmo musical, Sherlock defronta-se com comédias típicas brasileiras.

Nessa nova situação, entre outras ilustres personalidades, John Watson e o detetive são convidados pelo imperador para um almoço no palácio, no qual eles têm a oportunidade de experimentar algumas iguarias do Brasil: uma feijoada completa, com direito a vários tipos de carnes, e o vatapá acompanhado por pirão. Enquanto Holmes aceita provar cada componente dos pratos, seu amigo, desconfiado, sente-se inseguro da mesma maneira que ficou em relação à água de coco. Ainda nessa cena já notamos uma mudança na personalidade do investigador, pois ele se interessa pelos alimentos desconhecidos, questionando sobre eles, atitude que vai de encontro à sua personalidade original, descrita por Watson em *Um estudo em vermelho*, de atentar apenas ao que é relevante para seu ofício. Entretanto, a análise desse momento se dará acerca das consequências provocadas pelo almoço em Sherlock, enquanto perseguiu o assassino:

Sem nem mesmo parar, o homem atirou-se pela janela que dava para os fundos da construção, deixando um rastro de vitrais estilhaçados. Holmes, que quase o alcançava, preparou-se para pular através dos vidros quebrados, seguindo o mesmo caminho. Foi quando avistou o vaso sanitário de porcelana francesa decorado com ramos de rosas vermelhas entrelaçadas. Aquela visão despertou-lhe imediatamente uma cólica violenta. Holmes ainda hesitou entre jogar-se da janela e sentar-se no vaso. A hesitação durou poucos segundos. Desabotoando as calças, ele cedeu ao chamado imperioso da natureza. O detetive ficou ali, humilhado, madrugada adentro. O dandê produzira uma proeza que nem mesmo seu arquiinimigo, o professor Moriarty²², conseguira realizar: deter Sherlock Holmes (SOARES, 1995, p. 137-138).

A partir dessa narração, percebemos que, como em Londres o detetive segue sempre a mesma rotina e os mesmos métodos de investigação, ele acaba por se prevenir de imprevistos como o relatado acima. Todavia, ao assumir uma identidade pós-moderna e

²² Moriarty é um professor de matemática que se tornou o arqui-inimigo de Sherlock Holmes e que possui uma inteligência considerada equiparada à do detetive, porém utilizada para o mal. Apesar de não participar de muitas das 60 narrativas escritas por Conan Doyle, Moriarty prova ser o mais perigoso de todos os criminosos encontrados por Holmes. Em 2017, a editora Penguin Classics Companhia das Letras publicou *O livro de Moriarty*, volume que reúne todas as cinco histórias nas quais o vilão aparece ou é mencionado.

envolver-se com novas praxes culturais, os pratos típicos brasileiros, Holmes fica sujeito a eventualidades. Woodward entende que:

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra (WOODWARD, 2000, p. 32).

À vista disso, Sherlock Holmes coloca suas identidades em confronto: o investigador rígido e pouco tolerante dá espaço a um experimentador aberto a novos saberes. Mas esse sujeito pós-moderno necessita lidar com a manutenção de seus costumes e com as consequências dessa mutação de identidade.

Em conformidade com esse partilhamento de identidades culturais, um outro momento, já mais avançado na história, coloca as crenças do detetive britânico à prova, visto que no capítulo 11 do romance de Jô Soares, ele menciona que não acredita no sobrenatural ao tentarem fazer uma sessão mediúnica. No entanto, nesse outro episódio, Holmes depara-se com um ritual religioso do qual não pode duvidar. Enquanto ele e Watson esperavam um carro de aluguel para ir ao teatro assistir à Sarah Bernhardt, Mukumbe, o factótum da baronesa, chega com um assunto urgente: o babalorixá, grande sacerdote da religião dos Iorubás, ordenou que os dois ingleses se dirigissem até um templo, pois haviam recebido informações importantes sobre o assassino que Sherlock Holmes estava procurando. Contra sua vontade, a dupla acompanha Mukumbe e, logo ao chegar, sem entender nada do que estava acontecendo, obedece às ordens para que o babalorixá descubra qual é o orixá do detetive:

O babalorixá fez sinal para que se instalassem em volta da mesa. Começou a espalhar o jogo diante dele:

— Antes, tenho que ver qual é o teu orixá de cabeça, meu filho — explicou, aludindo aos santos que, segundo a religião Iorubá, regem e protegem a vida de cada um. Pegou as conchas e, num gesto largo, atirou-as na sua frente, confiando a Sherlock: — Tu és filho de Xangô. — Pegou uma guia colorida de contas marrons e brancas, e passou-a no pescoço de Holmes: — É para usar sempre essa guia, meu filho. Nunca te esqueças: Xangô é teu pai. Xangô é teu protetor.

O babalorixá recolheu os búzios para começar a consulta (SOARES, 1995, p. 303).

Em seguida, após constatar que o santo protetor de Holmes é Xangô, o sacerdote tenta comunicar-se com ele, a fim de conseguir as informações a respeito do criminoso, porém, ele diz que o orixá não está mais querendo se manifestar. Ao se revoltar contra essas “feitiçarias”, Watson tenta fugir, mas no mesmo momento acaba sendo possuído por uma

entidade. Sherlock tenta acabar com aquele ritual dizendo que não tem tempo para praticar cerimônias de iniciação, mas já era tarde demais. É John Watson, com algum espírito incorporado, que se esforça para dar pistas sobre o assassino ao detetive, as quais não são compreendidas. Quando a possessão encerra-se, Watson não se lembra de nada que ocorrera, porém seu amigo, que presenciara tudo, não tem mais como duvidar do sobrenatural.

Uma vez que o presente subcapítulo trata do envolvimento da personagem protagonista com práticas populares brasileiras, faz-se necessário explicar brevemente a crença em Xangô no Brasil. Lembrando que quem levou a dupla britânica até o ritual foi Mukumbe, escravo alforriado, entende-se que a origem dela é da África. Sendo assim, de acordo com Pierre Verger (1997, p. 8) “a presença dessas religiões africanas no novo mundo é uma consequência imprevista do tráfico de escravos. Escravos estes que foram trazidos para os diferentes países das Américas e das Antilhas”. Quanto ao próprio Xangô, Reginaldo Prandi e Armando Vallado (2010) explicam que ele foi o quarto rei da cidade de Oió, que corresponde ao império mais poderoso dos iorubás e, por isso, foi divinizado após sua morte. É, pois, em consequência disso, que Xangô tem tamanha importância nas crenças dos africanos, visto que:

foi exatamente nesse momento histórico da chegada dos iorubás que as religiões africanas se constituíram nas Américas, isto é, no século XIX. Particularmente no Brasil, os escravos recém-chegados eram trazidos não mais para o trabalho nas plantações e nas minas do interior, onde ficavam dispersos, mas sim nas cidades, onde eram encarregados de fazer todo o tipo de serviço urbano, morando longe de seus proprietários, vivendo em bairros com grande concentração de negros escravos e libertos, e tendo assim maior liberdade de movimento e organização, podendo se reunir nas irmandades católicas, com novas e amplas oportunidades para recriarem aqui a sua religião africana (PRANDI; VALLADO, 2010, p. 6).

Por conseguinte, de posse desses conhecimentos, podemos compreender melhor a cena narrada e o motivo de Sherlock Holmes passar a acreditar nos rituais sobrenaturais, insistindo em conseguir a resposta que procurava sobre o criminoso mesmo depois de John Watson ter sido despossuído. Destarte, voltando à noção de identidade maleável, compreende-se que, devido à necessidade de desvendar o mistério, o detetive vê-se compelido a modificar-se de acordo com a realidade em que está inserido. Consoante Cuche (1999, p. 183) “deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. Esta concepção dinâmica se opõe àquela que vê a identidade como um atributo original e permanente que não poderia evoluir”. Logo, o sujeito refaz-se de acordo com os sistemas culturais que confronta.

4.2 O EROTISMO

Em *O Xangô de Baker Street*, Jô Soares conseguiu modificar uma das características que parecia ser mais estável em Sherlock Holmes: o fato de nunca ter se interessado ou se envolvido intimamente com ninguém. Como brevemente mencionado no capítulo 3, nas narrativas de Arthur Conan Doyle há apenas uma mulher que chamou a atenção do detetive: Irene Adler. Apesar disso, esse interesse foi despertado pela inteligência e astúcia dela, uma vez que foi a única pessoa a derrotá-lo. Sendo assim, não é conhecida nenhuma situação em que Holmes demonstrou-se atraído sexualmente. No entanto, em solo brasileiro, isso foi diferente.

Inicialmente analisaremos em conjunto duas situações nas quais Sherlock manifesta mais entusiasmo por uma mulher do que pelo próprio caso que está investigando, reiterando que o detetive, em sua personalidade vitoriana, jamais toleraria algo assim, pois acredita que nada é mais importante do que seu ofício. A primeira circunstância ocorre pouco depois da falha perseguição do assassino que Holmes empreende na Biblioteca Nacional. No dia seguinte, ele vai até o Café do Amorim juntamente com John Watson e o delegado Mello Pimenta. Lá encontram o coronel Mendes Freire e o marquês de Salles, Júlio Augusto Pereira, que estava lendo no jornal *Gazeta da Tarde* uma matéria sobre os assassinatos brutais das moças. A partir disso, surge a conversa a respeito do caso e o detetive resolve contar o episódio da noite anterior:

— Ontem, tive um encontro com o assassino.

O delegado espantou-se:

— Onde? Como?

— Na Biblioteca Nacional. Infelizmente só consegui vê-lo de longe.

— Por favor, conte-nos tudo, senhor Holmes — pediu Júlio Augusto. Sherlock Holmes relatou, minuciosamente, o episódio da noite anterior. Omitiu apenas o motivo que o impedira de continuar a perseguição. Alegou que, quando chegou à janela, o monstro já havia desaparecido pelas ruas da cidade.

— Só lamento que a misteriosa moça não me tenha esperado. Era realmente linda, uma mestiça muito clara, de grandes olhos verdes, quadris largos e seios fartos — suspirou, embevecido, o detetive.

O marquês achou graça no enlevo do inglês:

— O senhor não é o primeiro e, certamente, não será o último estrangeiro a se encantar com as nossas mulatas. Aliás, muitos dos seus patrícios já largaram tudo por uma cabrocha (SOARES, 1995, p. 150-151).

O que chama atenção nesse momento são as palavras usadas pelo britânico “Só lamento que”, pois logo se imaginaria que a sua lástima se deveria ao fato de não ter atingido seu objetivo, sendo um dos motivos pelos quais estava no Brasil. Contudo, para Holmes, a

desventura era não ter alcançado uma mulher, muito mais do que não ter alcançado o criminoso. Para mais, ao longo da conversa, os homens seguem debatendo sobre o assunto e relatando comentários que têm ouvido relativos ao caso. Ao fim da conversa, Sherlock faz outro comentário inusitado e totalmente inesperado, uma vez que foge do tema do diálogo, e seria esperado que o detetive estivesse prestando atenção, a fim de tentar chegar a uma conclusão:

- Delegado, mais do que tudo, uma coisa continua a me intrigar profundamente.
- O que é, senhor Holmes?
- Onde será que eu vou poder encontrar de novo aquela mulata? — respondeu Sherlock, com o olhar entristecido dos apaixonados (SOARES, 1995, p. 153).

Esses dois episódios denunciam a profunda transformação da postura de Sherlock Holmes perante uma investigação, dessa vez causada pelo interesse carnal por uma mulher. Entretanto, como o próprio marquês de Salles disse, era normal que o inglês tivesse prestado tanta atenção na mulata, afinal, não era a primeira vez que um estrangeiro interessava-se por essas mulheres. Segundo Del Priore (2011, p. 55-56) “os atrativos do corpo da mulata vão ganhar força ao longo do século XIX. [...] O maxixe, bailado surgido no início do século XX, irá projetar as coreografias exóticas das quais o corpo negro ou mulato é o suporte”. Apesar disso, é importante ressaltar a estereotipização com que é feita, muitas vezes, a descrição dessas moças. Ainda no primeiro momento mencionado acima, Sherlock descreve a mulata que avistou de um modo carregado de estereótipos²³. Del Priore (2011, p. 95) afirma que “tal como na fotografia, os estereótipos estavam sempre presentes: a ninfeta, a mulher madura, a sofisticada, a camponesa, a exótica”. Do mesmo modo, na narrativa de Jô Soares, percebemos que os dois ingleses chegam ao Brasil com uma visão bastante estereotipada do país e de seu povo e, apesar de se depararem com situações que contrariavam essa perspectiva, não abandonam-na completamente. Consoante Walter Lippmann (2010, p. 91), a modernidade é apressada e suas mudanças são velozes, então, sem tempo para análises cuidadosas, “observamos um traço que marca um tipo muito conhecido, e o resto da imagem preenchemos com os estereótipos que carregamos em nossas cabeças”.

Prosseguindo a análise, ocuparemos agora de uma situação narrada depois de Sherlock Holmes ter conhecido a mulata que o encantou. O tão esperado encontro aconteceu

²³ Entendemos estereótipos como “crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contêm informações não apenas sobre estes atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados” (PEREIRA, 2002, p. 45). Conforme complementa Lippmann (2010), estereótipos trabalham como figuras mentais acerca de uma pessoa, deturpando a realidade. Além disso, são marcados por certa rigidez, impondo dificuldades para que um indivíduo modifique o panorama de seu próprio pensamento.

pela primeira vez, depois de muitas tentativas, na porta do teatro onde a moça se apresentava. Ela também havia se atraído pelo detetive, pois na noite que se deu a perseguição na Biblioteca Nacional, momentos antes, o assassino estava prestes a fazer da mulata sua próxima vítima, quando Holmes apareceu e fortuitamente acabou salvando-a. Em razão disso, muito agradecida, a mulher apresenta-se como Anna Candelária, mas logo pede que o inglês chame-a apenas por Anna. Do mesmo modo, Sherlock Holmes responde pedindo que ela lhe trate pelo primeiro nome. Essa atitude, que oferecia tamanha intimidade à jovem, surpreendeu o próprio detetive que, por sua vez, permitia no máximo que o chamassem pelo sobrenome, até mesmo seu melhor amigo, Watson. Sem demora, o detetive convida Anna Candelária para acompanhá-lo em um jantar com alguns conhecidos, onde narra-se o próximo episódio que desperta nossa atenção:

Anna Candelária, atriz, mulher de hábitos liberais, estava muito à vontade. Holmes, no entanto, parecia acanhadíssimo com aquela situação. Não era acostumado à companhia feminina e corou até à raiz dos cabelos quando sentiu que a jovem lhe segurava a mão.

Pegando cadeiras da mesa ao lado, os dois juntaram-se ao grupo. Divertindo-se com o mal-estar do inglês, Chiquinha Gonzaga disse a Anna:

— Então, menina? Parece que fizeste andar a cabeça à roda ao nosso detetive.

— Quem sou eu, dona Chiquinha. Estou é imensamente agradecida. Se continuo viva, hoje, é graças a ele. — E completou, virando-se para Holmes: — Não é, Sherlock?

Sherlock Holmes arrempiou-se dos pés à cabeça ao ser chamado daquele jeito. Não sabia ainda como lidar com essas intimidades (SOARES, 1995, p. 195-196).

A reação do detetive perante essa situação corrobora a identidade original da personagem de homem que nunca havia se relacionado intimamente, nem mesmo tido vontade, uma vez que ocupava seu cérebro e seu tempo apenas com coisas relacionadas aos seus objetivos – esses criminológicos. No entanto, apesar de conservar essa particularidade, sua identidade já havia sido modificada ao se envolver, no nível que fosse, com uma mulher. Isso se deve à aparência física das mulheres brasileiras e, ainda mais, das mulatas, cujas proporções correspondiam ao padrão de beleza que encantava os estrangeiros, os quais estavam habituados a outro tipo de corpo feminino. Del Priore (2011, p. 19) afirma que “morenice e robustez eram, então, padrões de beleza. Não apenas na pluma dos poetas, mas também na pena de viajantes estrangeiros de passagem pelo Brasil, sensíveis, eles também, às nossas Vênus”. Como é possível observar, Sherlock Holmes sensibilizou-se à primeira vista pelo biotipo dos trópicos e, em certos momentos, nem mesmo ele conseguia entender a fragmentação de sua identidade. Para Néstor Canclini “estudar processos culturais, por isso, mais do que levar-nos a afirmar identidades autossuficientes, serve para conhecer formas de

situar-se em meio à heterogeneidade e entender como se produzem as hibridações (CANCLINI, 2008, p. XXIV)”. Assim, apesar de Holmes sempre ter se considerado autossuficiente, quando inserido em um ambiente diferente e tendo experimentado constantes trocas culturais, entrega-se às mudanças, em oposição ao que ocorre nas obras escritas por Conan Doyle.

Por último em nossa análise, o erotismo apresenta-se em seu ápice na primeira relação sexual de Sherlock Holmes. A cena aconteceu depois do jantar, quando o inglês perguntou à Anna Candelária seu endereço, para deixá-la em casa, e a moça ofereceu-se para ir até o hotel onde Holmes estava hospedado. O detetive, que queria exatamente isso, jamais teria ousado fazer essa sugestão, embora seja um homem que não mede suas palavras e fale sempre o que pensa. Ao entrarem no quarto, sem rodeios a moça convida Sherlock para deitar-se ao seu lado na cama e ele, já sem saber muito como agir, recorre à cocaína, alegando ser um excelente estimulante. Candelária não entende, pois está acostumada a ser estimulante suficiente para os homens e então o inglês finalmente revela:

— Anna, há algo terrível que devo confessar.

— O que é, meu amor?

— Sou virgem.

Anna Candelária não acreditava no que acabara de ouvir. Holmes parecia ter quarenta anos e, nos trópicos, os meninos com mais de onze já se esfregavam nas mucamas. Nas fazendas, perdiam a virgindade com as jovens escravas, antes mesmo de ter pêlos no rosto.

— Sherlock, quantos anos tens?

— Fiz trinta e dois em janeiro — respondeu o detetive, que aparentava mais idade do que tinha.

— Não compreendo, fizeste algum voto de castidade?

— De forma alguma, apenas, antes de conhecer-te, nunca havia me interessado por sexo. Tinha sempre a mente voltada para a criminologia (SOARES, 1995, p. 202).

A partir disso, Anna Candelária resolve apresentar a maconha para Sherlock Holmes, explicando seus vários benefícios e dizendo ser um relaxante natural para os nervos. O detetive britânico prova e alega não sentir nada, então, acostumado a drogas mais fortes, diz precisar de uma quantidade maior e acaba passando um pouco do limite. Apesar de terem trocado beijos e carícias, o abuso da erva derrotou Sherlock, que caiu no sono, impedindo-o de, finalmente, consumir sua atração pela mulher com o ato sexual.

Independentemente da conclusão da cena, o mínimo interesse carnal de Holmes já é pretexto para uma investigação mais profunda acerca da mudança de comportamento de acordo com sua personalidade de sujeito do Iluminismo. Segundo Del Priore (2011, p. 21):

Não faltaram marcas do apetite masculino em relação à morena ou mulata na literatura dos séculos XVIII e XIX. O riso de pérolas e corais, os olhos de jabuticaba, as negras franjas e a cor do buriti são os signos sedutores dessa fêmea que convida ao paladar, à deglutição, ao tato. São elas as verdadeiras presas do desejo masculino, mulheres-caça, que o homem persegue e devora sexualmente. Morenice e robustez eram, então, padrões de erotismo velado e de beleza.

Fundamentado nesse conhecimento da autora, mais uma vez é possível explicar a atração sexual que era provocada nos homens pelas morenas brasileiras, justificando a alteração de identidade de Sherlock Holmes, que passa a se encaixar na concepção de sujeito pós-moderno. Essa mudança cultural é entendida por Burke como um diálogo ou uma negociação, cujos termos expressam a “consciência da multiplicidade e da fluidez da identidade e o modo como ela pode ser modificada ou pelo menos apresentada de diferentes modos em diferentes situações” (BURKE, 2003, p. 48). Essa noção elucidada o porquê, apesar do estranhamento que causa, é comum que a identidade varie e se reformule.

Para concluirmos o exame acerca da relação de Sherlock Holmes com erotismo na obra, iremos brevemente atentar para o fator discriminatório existente. Del Priore expõe que esse interesse carnal dava-se quase que exclusivamente pelas mulatas, mulheres as quais foram homenageadas até mesmo em poesia. Porém, as brancas e as negras eram percebidas pelos homens diferentemente:

No século XVII, Gregório de Matos dedicou vários de seus poemas a certas mulatas da Bahia, em geral prostitutas: “Córdula da minha vida, mulatinha de minha alma”, folgava o Boca do Inferno. O poeta louva o corpo e os encantos da mulata, que, como a índia do século XVI, torna-se objeto sexual dos portugueses. Mas o mesmo poeta não ousa brincar com a honra das brancas às quais só descrevia em tom cortês, ao passo que às negras d’África ou às ladinas refere-se com especial desprezo: “anca de vaca”, “peito derribado”, “horrrível odre”, “vaso atroz”, “puta canalha”. À fornicção e aos pecados sexuais nos trópicos não faltaram pontadas de racismo e desprezo à mulher de origem africana (DEL PRIORE, 2011, p. 33).

É importante ressaltar que o detetive britânico não teve atitudes preconceituosas para com as demais mulheres, bem como tratou Anna Candelária com muito respeito. Contudo, esse fato foi trazido por mostrar que o protagonista, interessando-se unicamente pela mulata e tendo essa lascívia despertada pela primeira vez por essas mulheres, agiu de acordo com a visão colonialista da época.

4.3 A PERDA DO FOCO

Por fim, como última instância de análise, trataremos de uma característica diretamente decorrente dos outros objetos de estudo abordados até este ponto do trabalho: a perda de foco de Sherlock Holmes. Nas narrativas protagonizadas pelo detetive (e escritas por Arthur Conan Doyle), ele sempre tem sua atenção totalmente direcionada à investigação em curso. Tal aspecto não é verdadeiro em *O Xangô de Baker Street*. Sherlock fica tão maravilhado pelo que encontra em solo brasileiro, que o motivo principal que o trouxe ao país – a investigação do desaparecimento do Stradivarius e os assassinatos brutais das jovens que, concomitantemente, dispôs-se a desvendar – acaba ficando em segundo plano para ele.

Iniciaremos observando outra circunstância que ocorreu durante o almoço no palácio do imperador, já narrado na seção 4.1. No decorrer do banquete, o monarca logo chegou tratando a todos com cordialidade, especialmente a Sherlock Holmes e ao doutor Watson, que eram seus convidados ilustres, e desculpando-se pela ausência da imperatriz. O detetive, que, por sua vez, estava achando o Brasil um lugar fascinante, encontrava-se encantado com os costumes da terra e com o povo agradável e respeitoso, ao passo que só considerou esses aspectos ao responder para Dom Pedro II:

Holmes, expressando-se corretamente em português de Portugal, mais parecia um negociante lusitano do que um detetive britânico:
 — Estou a me regalar em vossas terras — disse ao monarca.
 — Pena que o motivo da sua visita seja profissional — respondeu D. Pedro, que desejava lembrar o assunto do violino (SOARES, 1995, p. 112-113).

A resposta rápida e um tanto quanto ríspida tinha o intuito de reforçar que, apesar de os trópicos possuírem estímulos favoráveis à distração e festividades, Holmes viera ao Brasil a trabalho, portanto, seu interesse deveria estar totalmente voltado ao caso do violino desaparecido antes de qualquer outro fator. Todavia, a realidade que Sherlock estava vivendo era, em parte, diferente e correspondia ao comum deslumbramento dos europeus ao chegarem no Brasil após uma travessia emocionante e pitoresca. Segundo Mauro (1991), relatos de exploradores da época do Segundo Reinado manifestam que não existia viajante que, ao observar aquele espetáculo proporcionado pela baía do Rio de Janeiro, não falasse do cenário com admiração. Em contrapartida, em Londres, ambientação das histórias originais do detetive, a dispersão nunca foi problema. Seu amigo John Watson e a senhoria do seu prédio, senhora Hudson, achavam até mesmo que seria saudável que Holmes tivesse outras ocupações

e lazeres, entretanto, era quase impossível desviar o foco do investigador para assuntos exteriores aos crimes. Quanto a essa variação de identidade, Hall assegura que:

a globalização²⁴ tem, *sim*, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas (HALL, 2015, p. 51, grifo original).

Dessa forma, a mudança repentina de comportamento do detetive explica-se em decorrência da permuta cultural que está ocorrendo desde o momento em que Sherlock Holmes chegou aos trópicos e, por exemplo, experimentou a água de coco no lugar do clássico chá das cinco da Inglaterra. Ademais, com o objetivo de se integrar ao novo espaço, Holmes inconscientemente vai incorporando valores e costumes brasileiros.

Na sequência, observaremos juntamente duas situações que acontecem em momentos diferentes da investigação de fato, nos quais o envolvimento com práticas populares brasileiras influenciam Holmes negativamente. Na primeira, o detetive vai até a Viola d’Ouro, loja de um mestre italiano chamado Giacomo Peruggio, radicado no Rio de Janeiro há anos. O dono era uma pessoa de extrema confiança de Maria Luísa Catarina de Albuquerque, além de formidável artesão e excelente violinista. A baronesa havia pedido que Mukumbe levasse seu Stradivarius para Peruggio consertar, uma vez que uma das cravelhas do instrumento estava frouxa, e foi na loja que, supostamente, o objeto desaparecera. Posto isso, a certa altura da perquirição, na referida Viola d’Ouro e na companhia do doutor Watson e do delegado Pimenta, após fazerem algumas perguntas ao dono, Holmes solicitou que pudesse examinar a pequena oficina instalada nos fundos, local onde o instrumento fora roubado. Logo, com o auxílio de sua lupa, começou a estudar o ambiente:

Watson, que já conhecia os métodos do amigo, permaneceu fleumático, mas Pimenta acompanhava, mesmerizado, cada movimento do detetive. Depois da bancada, Holmes passou a examinar a janela. Agarrado a um prego saliente de parapeito, havia um fiapo de fazenda escura. Sherlock retirou cuidadosamente o tecido do prego, segurando-o entre o polegar e o indicador.

— Curioso, muito curioso... — disse Holmes, aproximando a lente dos dedos.

— O que foi? Achou algo suspeito neste pedaço de pano? — indagou Pimenta, eletrizado.

— Não. Na minha unha. Deve ser uma farpa do coco — respondeu o detetive, jogando fora o pano e chupando a ponta do dedo (SOARES, 1995, p. 145-146).

²⁴ Apesar de *O Xangô de Baker Street* não se passar em um século globalizado, em nossa investigação, estamos tratando a identidade da personagem Sherlock Holmes na narrativa pela perspectiva de pós-modernidade e globalização, de acordo com o que foi proposto por Stuart Hall (2015).

O que causa estranheza nessa ocasião é a facilidade com que Sherlock dispersa-se de sua função, bem como o que causa essa desconcentração. Primeiramente, por meio de sua lupa, ele acaba analisando suas próprias mãos, nas quais encontra uma farpa do coco que estava bebendo mais cedo. Ao fazer um comentário vago e em voz alta, o delegado que estava o acompanhando na investigação cria uma expectativa de que o detetive pudesse ter encontrado uma pista, quando, na verdade, era apenas as influências dos trópicos atrapalhando o inglês. No entanto, ele não pareceu se importar, pois, ao perceber a farpa de coco, jogou fora o pano que poderia ser útil para a investigação sem nem pensar nas consequências.

Fato semelhante ocorre em outro momento, já mais adiante na narrativa. Nessa ocasião, pela manhã, Sherlock Holmes, novamente acompanhado por seu amigo, John Watson, dirige-se até outra cena de crime cometido pelo *serial killer*. Chegando lá, também encontram o delegado Mello Pimenta e são apresentados a Saraiva, médico legista. O detetive faz algumas perguntas sobre o novo assassinato e, sabendo que os dois profissionais já haviam realizado uma busca na região à procura de novos indícios, porém sem sucesso, educadamente pergunta se importam-se de ele fazer um novo exame do local. Após a pronta concessão de Pimenta e Saraiva, Holmes inicia sua observação:

O detetive puxou do bolso a sua lupa e aproximou-se da calçada enegrecida pelas manchas de sangue. Quando abaixou-se para melhor ver aquela área, sentiu a cabeça girar e a lente quase escapou-lhe das mãos. Teve de se apoiar ao muro para não cair. Mello Pimenta, Saraiva e Watson correram para ajudá-lo:
 — O que houve, meu velho? — perguntou Watson, preocupado.
 — Nada, apenas uma pequena vertigem — respondeu Holmes, recuperando-se. Depois, traduziu para Pimenta e Saraiva: — Fiquei tonto. Acho que ontem abusei das ervas que uma amiga me deu. Não sei se conhecem, são cigarros índios. Ótimos, por sinal, só que fumei demais (SOARES, 1995, p. 227).

Após esse incidente, os quatro homens, antes de se dirigirem para o necrotério como haviam combinado, a fim de prosseguir com a investigação, fazem uma parada em um botequim para que Sherlock beba cachaça, pois de acordo com Saraiva, seria o melhor remédio para recuperar o detetive.

O que analisaremos acerca disso diz respeito tanto ao ocorrido durante o estudo da cena do crime, quanto à postura seguinte do detetive. Inserido em seu espaço habitual na Inglaterra, como já explicado, o rígido e metódico Sherlock Holmes não passaria por essa vertigem, uma vez que estaria seguindo a rotina de sempre e trabalhando compulsivamente em seus casos. Quanto a isso, em *Um estudo em vermelho*, Watson, certas vezes, relata a entrega do companheiro que, a fim de desvendar um caso, isola-se em seus pensamentos: “Deixei Holmes sentado à frente do fogo em brasa, e ao longo das vigílias da noite escutei os

gemidos baixos e melancólicos de seu violino. Sabia que ele ainda estava meditando sobre o estranho problema que decidira desvendar” (DOYLE, 2011, p. 74). Contudo, no Brasil, tendo rapidamente trocado o hábito nocivo da cocaína pelo efeito suave da maconha, acaba enfrentando contratempos decorrentes disso e acaba por não seguir os mesmos procedimentos em meio a um caso. Desse modo, de posse de sua personalidade vitoriana, o inglês, que não tolera interrupções quando está trabalhando, jamais teria parado uma investigação para fazer algo que não fosse diretamente relacionada a ela, como fez indo ao botequim antes do necrotério. Esse envolvimento profundo de Holmes com costumes dos trópicos pode ser explicado por Canclini, de modo que:

Aqueles que não compartilham constantemente esse território, nem o habitam, nem têm portanto os mesmos objetos e símbolos, os mesmos rituais e costumes, são os outros, os diferentes. Os que têm outro cenário e uma peça diferente para representar.

Quando se ocupa um território, o primeiro ato é apropriar-se de suas terras, frutos, minerais e, é claro, dos corpos de sua gente, ou ao menos do produto de sua força de trabalho (CANCLINI, 2008, p. 190).

Posto isso, Sherlock Holmes, atuando como o “outro”, aquele que está ocupando um território que não é seu, não se demora em experimentar das práticas características desse novo espaço, mesmo que isso implique em reconfigurar sua identidade cultural e, nesse caso, alterar sua capacidade de foco e concentração total em sua função.

A próxima circunstância também tem relação com o uso da *cannabis*, no entanto, nesse momento, ela não apenas faz com que Holmes desvie sua atenção, mas denuncia ser um dos fatores decisivos pelos quais o detetive não está conseguindo desvendar o mistério e auxiliar a polícia carioca. A narração acontece durante o ritual religioso de Xangô que Mukumbe levou Sherlock e Watson para participar, com o objetivo de fornecer informações acerca do assassino. Essa cerimônia já foi relatada no segmento 4.1 deste trabalho e, portanto, não será novamente descrita. Assim, durante a possessão do doutor, o espírito que está dentro de seu corpo afirma: “— Ha! Ha! Ha! Ha! Mas suncê conhece o zirikili! Já saiu com ele! Já andou juntinho de suncê. Suncê só não descobre porque tem fumado muita itabojira no cachimbo... (SOARES, 1995, p. 306)”. O detetive, nada ignorante, compreendeu tudo: a entidade referia-se ao *serial killer*, alegando que Sherlock o conhecia e, inclusive, já havia estado com ele, porém não descobria por estar abusando das ervas apresentadas por Anna Candelária. Após essa revelação, o britânico fica desesperado tentando arrancar de seu amigo o nome do criminoso, mas a essa altura a possessão já havia terminado e John Watson não se lembrava de nada.

Dotado de seus poderes de dedução e de atenção redobrada a todos os minuciosos detalhes, pois, segundo Sherlock Holmes, não basta ver, é preciso observar, o detetive de Londres estaria desapontado com esse sujeito pós-moderno que ele mesmo havia incorporado. Contudo, essa maleabilidade da identidade é o que a torna única e, por isso, é preciso aceitarmos que ela sempre estará suscetível a mudanças. Conforme Cuche:

Na medida em que a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, “pura”, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo o grupo social. Nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado a priori em uma identidade unidimensional. O caráter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade. É isto que dificulta a definição desta identidade (CUCHE, 1999, p. 192).

A esse respeito, entende-se que apesar de o protagonista ter uma personalidade tão intransigente na obra original, isso não significa que sua identidade seja totalmente hermética. Na verdade, nem deveríamos buscar esse cunho estático, uma vez que a fragmentação e a ressignificação fazem parte do processo de construção das identidades.

Por último, a mudança de identidade de Sherlock Holmes fica ainda mais ressaltada devido à conduta de seu companheiro, John Watson. Por essa razão trataremos brevemente²⁵ desse contraste bastante presente na narrativa de Jô Soares: os pensamentos e comportamentos da dupla Sherlock e Watson, em que um apresenta-se mais aberto e o outro mais resistente às mudanças.

É notório na questão da perda de foco que, enquanto Holmes, pela transformação de sua identidade, foi fascinando-se cada vez mais pelo Brasil e, conseqüentemente, desviando a atenção da investigação, Watson manteve-se intacto. Para mais, em vários momentos o doutor era quem chamava a atenção do detetive para que seu deslumbramento pelos trópicos não o desviasse completamente de seus objetivos. Por outro lado, Sherlock algumas vezes também advertiu o amigo da sua falta de adaptabilidade no Rio de Janeiro.

Ademais, ao passo que Sherlock deleitava-se com todas as novidades brasileiras que surgiam, John Watson questionava, mostrava-se avesso a experimentar coisas novas. Ao longo dessa análise, em diversas circunstâncias mencionadas, observamos, também, esse posicionamento mais resistente do doutor, por exemplo: ao chegarem no Brasil, Watson recusa-se a trocar o tradicional chá das cinco inglês pela água de coco; durante um almoço

²⁵ É importante ressaltar que o foco desta pesquisa não é investigar o Dr. John Watson, mas, sim, Sherlock Holmes. Logo, essa última instância de análise se faz sucinta, porém necessária, uma vez que ela evidencia ainda mais a ressignificação da identidade do detetive, objeto de estudo do trabalho.

anfitriado pelo imperador Dom Pedro II, no qual tivera a oportunidade de conhecer numerosos pratos típicos brasileiros, o britânico fica desconfiado e não quer provar as iguarias; ao perceber que iria participar de um ritual religioso, indigna-se e, antes de procurar compreender o que acontecia, tenta fugir etc. Além desses momentos, a fim de salientar ainda mais essa oposição de comportamentos entre a dupla, observemos a situação seguinte, na qual Sherlock mostra-se mais flexível em relação aos seus hábitos e seu amigo insiste em manter os velhos costumes. Na narrativa, os dois ingleses estão chegando na loja Viola d'Ouro, episódio descrito ainda nessa seção, para obter mais informações acerca do desaparecimento do Stradivarius da baronesa:

O delegado pediu que Peruggio lhe devolvesse as duas cordas. Já ia se preparando para sair, quando entrou na loja um abatido Sherlock Holmes, acompanhado pelo doutor Watson. Em vez do cachimbo, trazia na mão um côco verde, de onde sorvia longas goladas. A água de côco fora sugestão de Inojzas, o concierge do hotel, como o melhor curativo para livrá-lo da indisposição gástrica da véspera. Watson insistira para que Holmes tomasse um pouco de tintura de ópio canforado, mas o detetive preferira o tratamento mais exótico (SOARES, 1995, p. 142).

Nessa situação, Sherlock opta por seguir os conselhos de um concierge ao invés de ouvir a sugestão de seu próprio amigo médico, que, por sua vez, age rigorosamente de acordo com o que se espera de um doutor e reitera sua personalidade vitoriana. Essas posturas adotadas por Watson reforçam a sua identidade fixa de sujeito do Iluminismo, que, como já referido, é um ser centrado que age totalmente apoiado na razão e permanece o mesmo em sua essência. Logo, retomando o contraste entre a dupla britânica, percebe-se que os dois chegam ao Brasil da mesma forma, mas um deles volta para a Inglaterra completamente diferente, enquanto o outro permanece idêntico durante toda a narrativa. Por conseguinte, esse ponto e contraponto entre Holmes e Watson que aparece ao longo da história permite-nos fazer essas ponderações. Posto isso, ao compararmos as condutas do doutor com as de Holmes, evidencia-se, mais uma vez, a mudança de identidade do detetive, o qual assume posicionamentos referentes ao sujeito pós-moderno.

Em suma, apresentamos três instâncias em que a identidade de Sherlock Holmes – anteriormente, sujeito do Iluminismo – passa a se caracterizar como pós-moderna. Antes, definido por uma rigidez comportamental e inaptidão para se adaptar, Holmes é apresentado a uma nova cultura em que, quase imediatamente, cria raízes na identidade do detetive e inicia um processo de transformação. A identidade de Holmes reconfigura-se em uma forma fragmentada e maleável, que admite novas influências e celebra-as. Em *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares, o leitor é apresentado a um Sherlock Holmes integrante dos processos de

globalização, diferente daquele investigador protagonista das obras de Arthur Conan Doyle. Essa nova persona do britânico adentra uma paisagem cultural diferente, mas, na condição de sujeito pós-moderno, ressignifica-se e torna-se um indivíduo distinto de sua "versão anterior". Por meio de bom-humor, Jô Soares é capaz de criar uma narrativa envolvente, apropriando-se do clássico personagem para, então, subverter expectativas e apresentar um Holmes nunca antes visto: receptivo a novas experiências, apaixonado, sem apuro investigativo, mas, acima de tudo, envolvente e empático.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, acreditamos ter sido alcançado o objetivo proposto, que consiste em investigar a caracterização da personagem Sherlock Holmes no romance de Jô Soares, *O Xangô de Baker Street*, como identidade pós-moderna, tomando como referência a personalidade do detetive em *Um estudo em vermelho*, de Sir Arthur Conan Doyle.

O criador da personagem protagonista, o espaço em que ela foi originalmente inserida e a sua caracterização foram tema do capítulo “Holmes é um pouco científico demais para o meu gosto”, que se fundamenta na indispensabilidade de revelar a forma com que Conan Doyle entrou para o mundo da literatura e acabou criando um dos detetives mais conhecidos de todos os tempos. Para tanto, inicialmente, fez-se necessária uma discussão acerca da Inglaterra do século XIX, ambientação das narrativas, bem como uma sucinta exposição da vida do autor. Concluída essa etapa, com base na obra de estreia do detetive, *Um estudo em vermelho*, analisamos a personagem Sherlock Holmes em busca de identificar a sua identidade cultural de acordo com Hall (2015), constatando, a partir de sua personalidade estática e dos outros vieses aprofundados, tratar-se do sujeito do Iluminismo. O título do capítulo, fala retirada do livro de Conan Doyle, justifica-se pela investigação minuciosa acerca do detetive que foi empregada, uma vez que “científico demais” resume sua persona e também explica sua identidade.

O estudo deste trabalho traz à tona a necessidade de examinar, do mesmo modo, o objeto de pesquisa no romance de Jô Soares, *O Xangô de Baker Street*. Assim, no capítulo “Senhor Holmes, é um telegrama do Brasil, do próprio imperador!”, destacamos como era o espaço no qual a narrativa acontece, o Rio de Janeiro no período do Segundo Reinado, e tratamos do próprio livro, seu enredo, contexto de produção e recepção pelo público, traçando também uma breve biografia do autor. O título do capítulo deriva do romance de Jô Soares e foi escolhido por abordar o assunto principal da seção: Sherlock Holmes em terras brasileiras. Após, voltamos o estudo para a identidade cultural na pós-modernidade, uma vez que estamos encaminhando a pesquisa para sua análise. Logo, como consideramos que a personagem protagonista assumiu a identidade de sujeito pós-moderno na narrativa de Soares, fundamentamos alguns conceitos essenciais acerca de identidade com base em diferentes teóricos e somamos a outras concepções como, por exemplo, sociedade pós-moderna e globalizada e permutas culturais.

Portanto, de posse da fundamentação teórica construída no capítulo 3, prosseguimos para a análise. Optou-se por dividi-la em três instâncias: o envolvimento com práticas

populares brasileiras; o erotismo; e a perda do foco. A seleção das categorias foi feita baseada na recorrência das temáticas na obra *O Xangô de Baker Street*, com a finalidade de serem analisadas com profundidade. A escolha do título do capítulo, “Estou a me regalar em vossas terras”, fala de Sherlock Holmes oriunda da narrativa de Jô Soares, deu-se por concentrar a ideia central da análise: o deleitamento do detetive britânico no Brasil e suas consequências.

Na primeira seção, “O envolvimento com práticas populares brasileiras”, analisamos como Holmes abraçou rápida e facilmente os hábitos dos trópicos, ocasionando na modificação dos seus costumes ingleses. Foi possível perceber que, por chegar ao país aberto a novas descobertas, o encontro entre culturas fez com que a personagem contrariasse antigas certezas e passasse a produzir novas formas de posicionamento, iniciando, portanto, a transformação de sua identidade. A seguir, em “O erotismo”, observamos Sherlock remodelar uma de suas características mais marcantes: o fato de nunca ter se envolvido intimamente com ninguém. A partir do estudo de diversas situações do livro em que ele se interessou e se relacionou com uma mulher, bem como de referências históricas acerca da sexualidade que envolve as brasileiras, pudemos concluir que a reconfiguração da identidade da personagem, nessa temática, ocorreu de acordo com a visão colonialista da época. Por fim, embora a questão do desvio de atenção do detetive tenha sido abordada indiretamente para contextualizar episódios nas categorias anteriores, tornou-se imprescindível a concepção de uma seção dedicada ao tema, visto que ela completa a profunda ressignificação da identidade de Sherlock Holmes. O comportamento deslumbrado do inglês forneceu base para que, em “A perda do foco”, dedicássemos-nos a averiguar como sua postura inusitada frente a um caso afetou seu poder de dedução, influenciando boa parte da narrativa da investigação.

Em suma, esta pesquisa visou a analisar diferentes instâncias em que a personagem protagonista das obras de Conan Doyle e Jô Soares comportou-se de maneira diferente da sua personalidade vitoriana ou identidade de sujeito do Iluminismo e, por conseguinte, passou a assumir uma identidade pós-moderna. Finalmente, acreditamos que os objetivos propostos foram atingidos e a questão norteadora – “de que forma a identidade cultural da personagem Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle, é ressignificada no romance *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares?” – respondida. Percebemos que a globalização propicia encontros e trocas culturais a todo instante e, dessa forma, nossa identidade está sujeita a recriações. É o que ocorre com o detetive, pois apesar de apresentar-se originalmente muito intransigente, acaba igualmente exibindo uma identidade maleável. As mudanças de Holmes ficaram visíveis até mesmo aos olhos de personagens da narrativa, como Anna Candelária, que antes da partida do britânico lhe diz: “— É diferente. És homem, falas a nossa língua. Hoje, se não

fosse o sotaque, com os hábitos que adquiriste tão facilmente, passarias por brasileiro (SOARES, 1995, p. 333)”. Posto isso, entendemos que as identidades não são, por natureza, estáveis, visto que resultam de construções sociais e por isso estão sempre em formação.

Acreditamos que esta pesquisa tenha contribuído à valorização da literatura policial, bem como para a compreensão do sujeito pós-moderno no mundo e para o conhecimento acerca de identidade cultural. Esperamos que ela possa servir de base a outros estudos futuros, valendo-se das demais possibilidades de investigação que se manifestam, como por exemplo, os estereótipos presentes na narrativa ou a postura resistente de Watson, questões brevemente aludidas no decorrer do texto, considerando as limitações do estudo. De todo modo, diante do exposto ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, entendemos que Jô Soares apropriou-se de Sherlock Holmes para, então, ressignificá-lo com características da contemporaneidade. Assim, construiu uma personagem que é, ao mesmo tempo, dotada de razão e receptiva a novas experiências, fazendo do detetive oitocentista também um representante da literatura pós-moderna.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ALVES, Victor Martins. *Semiótica: a lógica de Sherlock Holmes*. 2008. 49 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo) – Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Brasília, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1811/2/20364289.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2020.
- ARTHUR CONAN DOYLE. *Author*, c2021a. Disponível em: <<https://arthurconandoyle.co.uk/author>>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- ARTHUR CONAN DOYLE. *Home*, c2021b. Disponível em: <<https://arthurconandoyle.co.uk/home>>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- ARTHUR CONAN DOYLE. *Sherlock Holmes*, c2000-2020. Disponível em: <<https://www.arthurconandoyle.com/sherlockholmes.html>>. Acesso em: 24 set. 2020.
- ARTHUR CONAN DOYLE. *Spiritualist*, c2021c. Disponível em: <<https://arthurconandoyle.co.uk/spiritualist>>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- AZEVEDO, André Nunes de. O Rio de Janeiro do século XIX e a formação da cultura carioca. *Intellèctus*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Contexto, 2017.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- BRITANNICA. *Scotland Yard*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Scotland-Yard>>. Acesso em: 26 mar. 2021.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CARTER, Ronald; McRAE, John. *The Penguin guide to english literature: Britain and Ireland*. London: Penguin Books, 1996.

CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, EDUSC, 1999.

DECIA, Patricia. “O Xangô de Baker Street” será publicado nos Estados Unidos. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 29 jan. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq290109.htm#:~:text=%20O%20Xang%C3%B4%20de%20Baker%20Street,Letras%20para%20os%20Estados%20Unidos.&text=Mas%20fiquei%20surpreso%20por%20ter,em%20f%C3%A9rias%20em%20Nova%20York..> Acesso em: 09 jun. 2021.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira: volume 2 – Império*. São Paulo: LeYa, 2016.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DOYLE, Arthur Conan. *Um estudo em vermelho*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

DOYLE, (Sir) Arthur Conan. *Memórias e aventuras: autobiografia de Sir Arthur Conan Doyle*. São Paulo: Marco Zero, 1993.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.

FERNANDES, Millôr. José Eugênio Soares. In: Soares, Jô; SUZUKI JR. Matinas. *O livro de Jô: uma biografia desautorizada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, v. 1.

FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. São Paulo: Globo, 2005.

FRAZANI, Laiz. Clio: história e literatura. *Nasce Jô Soares*, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://cliohistoriaeliteratura.com/2020/01/16/nasce-jo-soares-hoje-na-historia/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de história do Império: manuscritos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ISTO É. *O imortal Sherlock Holmes*. Disponível em: <https://istoe.com.br/1155_O+IMORTAL+SHERLOCK+HOLMES/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

JABOR, Arnaldo. “Xangô de Baker Street” é a belle époque tropical. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 16 set. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/16/ilustrada/2.html>. Acesso em: 09 jun. 2016.

JOVEM PAN. *Jô Soares diz que seu programa acabou na hora certa e elogia Bial: “um craque”*, 20 dez. 2017. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jovem-pan-morning-show/jo-soares-diz-que-seu-programa-acabou-na-hora-certa-e-elogia-bial-um-craque.html>. Acesso em: 09 jun. 2021.

LIMA, Elaine Carvalho de; NETO, Calisto Rocha de Oliveira. Revolução Industrial: considerações sobre o pioneirismo industrial inglês. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 194, p. 102-113, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/32912/19746>. Acesso em: 17 abr. 2021.

LIPPMANN, Walter. *Opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2010.

LYCETT, Andrew. *The man who created Sherlock Holmes: the life and times of Sir Arthur Conan Doyle*. New York: Free Press, 2008.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Brasília: Senado Federal, 2005.

MAIA, Maria Carolina. *Veja. Jô Soares revê a própria trajetória e sai do ar com um ‘até logo’*, 17 dez. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/jo-soares-reve-a-propria-trajetoria-e-sai-do-ar-com-um-ate-logo/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

MALERBA, Jurandir. *O Brasil Imperial (1808-1889): panorama da história do Brasil no século XIX*. Maringá: Eduem, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MAURO, Frédéric. *O Brasil no tempo de dom Pedro II: 1831-1889*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MEMÓRIA GLOBO. *Jô Soares*, 19 nov. 2002. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/jo-soares/perfil-completo/perfil-completo/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

NASCIMENTO, Rayza Santos do; SILVA, Victor Leandro da. Um estudo em vermelho, do livro ao seriado: uma análise da metodologia investigativa de Sherlock Holmes a partir da

teoria peirciana. *Papéis*, Campo Grande, v. 23, n. 45, p. 121-140, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/5801/5878>. Acesso em: 23 set. 2020.

NOGUEIRA, Paulo. Minha briga com Jô por causa de Baker Street. *Diário do centro do mundo*, 16 jun. 2015. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/minha-briga-com-jo-por-causa-do-xango-de-baker-street-por-paulo-nogueira/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: E.P.U., 2002.

PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando. Xangô, rei de Oió. In: BARRETI FILHO, Aulo (org.). *Dos yorùbá ao candomblé kétu*. São Paulo, Edusp, 2010, v. 1, p. 141-161.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROCHA, Renato Oliveira; BETELLA, Gabriela Kvacek. A dialética da malandragem revisitada em *O Xangô de Baker Street*. *REVELL*, Campo Grande, v. 1, n. 2, p. 160-166, 2011. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5915437>>. Acesso em: 23 set. 2020.

ROCHA, Renato Oliveira; BETELLA, Gabriela Kvacek. A ironia em *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares. *Anais do II Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística: linguagem, história e memória*, n. 2, 2011, Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2011. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/520/o/50.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2020.

RODA Viva. *Entrevista com Jô Soares*, 07 nov. 2011. Produção de Tomás Chiaverini. São Paulo: TV Cultura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vrneLxm6U88&ab_channel=RodaViva. Acesso em: 09 jun. 2021.

SANTOS, Evaldo Gondim dos. *O processo tornado visível: metaficção paródica e narrativa policial em O Xangô de Baker Street*. 2016. 144 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22676/1/EvaldoGondimDosSantos_TESE.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Jô. *O Xangô de Baker Street*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Fanny et al. Sherlock Holmes: semioticista por excelência?. *Anais do Intercom*, n. 40, 2017, Curitiba: Universidade Positivo, 2017. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2017/resumos/R12-1271-1.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2020.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.